

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão - COGEAE

Carla Souto Albano Fernandes

**“A INFIDELIDADE CONJUGAL FEMININA NO CINEMA: UMA
ANÁLISE JUNGUIANA”**

SÃO PAULO

2015

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
Coordenadoria Geral de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão - COGEAE

Carla Souto Albano Fernandes

**“A INFIDELIDADE CONJUGAL FEMININA NO CINEMA: UMA
ANÁLISE JUNGUIANA”**

Monografia apresentada ao COGEAE –
PUC/SP, como exigência parcial para
obtenção do título de Especialista em
Abordagem Junguiana, sob a orientação
da Prof. Dra. Silvana Parisi

SÃO PAULO
2015

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo entender como a infidelidade acontece no curso de um casamento e qual é o significado da relação extraconjugal na psique feminina. A escolha de estudar a infidelidade, sob o ponto de vista feminino, se explica pelo fato de que este é um fenômeno de pouca visibilidade social, além de um ser tema bastante presente na clínica. As relações amorosas consistem em uma dimensão importante da vida cotidiana e trazem questões de natureza arquetípica. Este trabalho buscou respostas na produção cultural, mais especificamente no cinema, ao analisar cenas de dois filmes: “As Pontes de Madison” e “Os Belos Dias”, que trazem a questão da infidelidade feminina. A Psicologia Analítica forneceu elementos para entender as possibilidades de um relacionamento amoroso sob a perspectiva da busca de desenvolvimento pessoal, compreendendo como os aspectos femininos e masculinos das personagens foram trazidos para a consciência. Verificou-se que o casamento das personagens estava desvitalizado, fazendo com que ambas tivessem prejuízo da realização pessoal. A vivência de uma experiência extraconjugal integrou conteúdos inconscientes e permitiu uma ampliação da consciência, tanto no sentido do autoconhecimento, como trazendo modificações na convivência com os parceiros e com a coletividade. Assim, a infidelidade consistiu em um evento muito importante no processo de individuação das personagens.

Palavras-chave: Infidelidade feminina, traição, casamento, cinema e Psicologia Analítica.

*“Te perdoo
Quando anseio pelo instante de sair
E rodar exuberante
E me perder de ti
Te perdoo
Por queres me ver
Aprendendo a mentir*

*Te perdoo
Por contares minhas horas
Nas minhas demoras por aí
Te perdoo
Te perdoo porque choras
Quando eu choro de rir
Te perdoo
Por te trair”*

Mil Perdões, composição de Chico Buarque

“O cinema é um modo divino de contar a vida”

Frederico Fellini

Agradecimentos

Marcelo e Mateus, meus meninos queridos e sempre presentes.

Isadora Dorinha, que ilumina minha vida de alegria e me inspira diariamente.

Agradeço minha mãe Inês, pela torcida incondicional.

Minha amiga querida Carol Diaz, pela parceria e amizade verdadeira

Agradeço a Lucia Azevedo, por me guiar nas descobertas deste trabalho e de mim mesma.

Agradeço a Prof. Mestre Heloisa Galan, por seus valiosos ensinamentos.

Agradeço a Prof. Dra. Eloísa Penna, pela presença constante e indispensável em minha formação acadêmica e clínica.

Agradeço a Prof. Dra. Silvana Parisi, por sua orientação carinhosa, sensível e precisa.

Agradeço os meus colegas de curso: Carolina Giacomini, Carolina Vieira, Henrique Souza e Luciana Mehero, com quem pude me divertir e aprender muito nos últimos 30 meses. Essa jornada foi muito mais agradável na companhia de vocês!

Sumário

1 - Introdução	7
1.1 - Um pouco de história sobre a sexualidade feminina.....	9
1.2 - -Sexualidade e infidelidade em pesquisas recentes	15
2- O caminho da Individuação na Psicologia Analítica	21
3 - Objetivo	30
4- Metodologia.....	30
4.1 - Procedimento de coleta de dados.....	35
5 - Filme “As pontes de Madison”	37
5.1 – Resumo.....	37
5.2 – Análise	39
5.2.1 - Conhecendo Francesca.....	39
5.2.2 - Apresentando Robert.....	43
5.2.3 - Francesca e Robert: o encontro	45
5.2.4 - De volta ao casamento	51
6 - Filme “Os Belos Dias”	56
6.1 – Resumo.....	56
6.2 - Análise	58
6.2.1 – Conhecendo Caroline	58
6.2.2 - O casamento de Caroline: Philippe	63
6.2.3 – Julién, a paixão adolescente	66
6.2.4 – O acolhimento do grupo	70
6.2.5 - De volta ao casamento	73
7- Discussão.....	77
8 - Considerações Finais	85
9 - Referências Bibliográficas	88

1 - Introdução

A prática clínica tem-me feito refletir sobre a complexidade das relações amorosas, tema muito presente nos atendimentos em consultório. As mulheres conseguiram conquistar um lugar de respeito no mercado de trabalho, viajam, são independentes, têm um bom grupo de amigos, mas ainda mantêm vivo o sonho de encontrar um parceiro que seja companheiro e carinhoso para que seu ideal de felicidade esteja completo.

Noto que o casamento perdeu o posto de único objetivo na vida das mulheres e também não é mais a principal via de inserção social. Mesmo assim, sua importância como aliança amorosa e, algumas vezes, até financeira, tem sido observada.

É comum encontrar mulheres modernas e independentes que sonham com um casamento tradicional, com direito a vestido branco, rosas vermelhas e música clássica. Essa mesma mulher ainda causa surpresa ao idealizar, nos dias atuais, um marido-príncipe, que seja bonito, educado, trabalhador e fiel, para com ele ter filhos e formar uma família feliz.

Os casamentos acontecem e as pessoas passam a conviver diariamente com os problemas da organização da casa, com o estabelecimento de prioridades e com a divisão do tempo dedicado ao trabalho e à relação amorosa. Equacionar tantos afazeres, deveres e prazeres não é uma tarefa fácil.

É comum notar que a idealização presente no início da relação vai cedendo lugar a um desconforto, uma sensação de que mais se perde que se ganha e o casal vai se distanciando. As consequências deste distanciamento podem variar muito. Existem casais que se acomodam e não questionam as mudanças na qualidade da relação. Existem casais que desistem de recuperar o brilho perdido e acabam se separando. Existem casais que se mantêm casados mas buscam realizar seus desejos fora da relação conjugal.

Este trabalho pretende focar esse último grupo: o das pessoas que, mesmo casadas, optam por viver uma relação extraconjugal, seja ela pontual ou duradoura.

Meu objetivo é entender como a infidelidade acontece no curso do casamento e qual é o significado da traição na psique da mulher que se torna infiel.

A escolha de estudar a infidelidade, sob o ponto de vista feminino, se explica pelo fato de que este é um fenômeno relativamente recente ou pelo menos tem-se falado dele mais recentemente. É muito comum se referir à infidelidade masculina com maior naturalidade, como se os homens tivessem uma necessidade biológica de satisfazer seus desejos sexuais, para além dos limites do casamento. Ao contrário dos homens, as mulheres vistas como “normais” sempre passaram uma imagem que evidencia o aspecto amoroso e as considera menos interessadas na questão da sexualidade.

Por ser um assunto difícil de ser pesquisado diretamente, por meio de questionários ou entrevistas, optei por observar a traição feminina na vida de mulheres fictícias: Francesca e Caroline, respectivamente personagens dos filmes “As Pontes de Madison” (*The Bridges of Madison County*, EUA, 1995), e “Os Belos Dias” (*Les Beaux Jours*, França, 2013).

Tanto na literatura, como no cinema, existem inúmeras histórias que poderiam ser utilizadas para abordar a infidelidade feminina. No processo de definir os filmes que seriam usados neste trabalho encontrei grandes histórias do século XIX, entre as quais não posso deixar de mencionar os clássicos romances *Madame Bovary* (1857), de Gustave Flaubert, *Anna Karenina* (1877), de Leon Tolstói e *O Primo Basílio* (1878), de Eça de Queirós, narrando o sofrimento de mulheres casadas que desafiaram a moral da época, para poder viver um grande amor.

Em uma destas ocasiões em que a vida imita a arte, uma história muito parecida com aquela vivida pela personagem Anna Karenina, de León Tolstói, foi protagonizada pela brasileira Ana de Assis (1872-1951). Assim como a Anna da ficção, que era casada com um alto funcionário do governo russo, a nossa Ana era esposa do brilhante escritor Euclides da Cunha. Ambas levavam uma vida confortável, eram mães zelosas e tinham uma posição social de destaque. Talvez por terem se casado cedo, ambas com maridos intelectuais, acabaram se envolvendo em tórridos romances extraconjugais com militares mais jovens e foram impiedosamente condenadas pela sociedade em que viviam.

Embora as histórias do século XIX sejam fascinantes e ricas de simbolismo, com o objetivo de aproximar este estudo do contexto dos nossos dias, decidi escolher duas mulheres contemporâneas: Francesca e Caroline, que foram bem

retratadas em filmes emocionantes, o que faz deste trabalho um agradável passeio pela inquieta alma feminina, pela psicologia analítica e pelo cinema.

Além de ser uma paixão pessoal, o cinema é uma manifestação cultural extremamente valiosa para a observação de costumes e valores. Pelas imagens, sons e enredos, o cinema nos conduz a um ambiente totalmente novo e ao mesmo tempo conhecido, fazendo com que as histórias contadas sejam reconhecidas por suas características arquetípicas, assim como acontece com os mitos. É um despretenso mergulho no inconsciente, que nos faz entrar em contato com tudo que é humano, de uma forma criativa e dinâmica.

Assistimos nossas dores e nossas alegrias projetadas na tela grande, como se estivéssemos sonhando acordados. Protegidos pelo conforto da poltrona, podemos nos emocionar, rir e chorar, com a certeza de que, quando o filme acabar, a vida voltará aos trilhos e teremos sempre a possibilidade de levar a história para casa, elaborando seus conteúdos, ou deixá-la no campo da arte, até que um próximo encontro na sala escura aconteça, em um momento propício para que a consciência possa se abrir para uma experiência transformadora.

Como disse Jung, em 1928, em uma Conferência ministrada em Praga, “o cinema, como também o romance policial, tornam-nos capazes de viver sem perigo todas as nossas excitações, fantasias e paixões”. (JUNG, vol. 10/3:195).

E sendo assim, vamos buscar compreender a infidelidade na história destas duas personagens do cinema que representam, para efeito deste estudo, as emoções da mulher contemporânea.

1.1 - Um pouco de história sobre a sexualidade feminina

Giddens (1993), citando Foucault, menciona que o termo “sexualidade” aparece pela primeira vez no século XIX, para designar a qualidade de ser sexual. Antes disso o sexo não tinha despertado interesse no campo do conhecimento. E segundo a teoria defendida por Foucault, uma civilização precisa de disciplina para manter-se organizada e, dentro do conceito de disciplina, estaria implícito o controle dos próprios impulsos, entre os quais os sexuais, que ganharam maior relevância com os primeiros trabalhos de Freud no final do século XIX. Segundo Foucault (citado por Giddens, 1993, p.27), “o poder disciplinar supostamente produzia ‘corpos

dóceis’, controlados e regulados em suas atividades, em vez de espontaneamente capazes de atuar sobre os impulsos do desejo”.

Preocupada com as enfermidades puramente femininas, a medicina da época atribuía o adoecimento a uma predisposição baseada na questão da sexualidade, como se podia notar, por exemplo, no caso das histéricas. Assim, a ideia de se manter o controle sobre as atividades sexuais femininas era uma constante preocupação e nesse contexto “as mulheres que almejavam prazer sexual eram definitivamente anormais” (p.33). Se a excitação sexual era considerada uma regra habitual nos homens, era tida como exceção nas mulheres.

Até o século XVIII, entre as camadas mais baixas da sociedade europeia, as uniões tinham como fundamento a situação econômica, o casamento era um meio de organizar o árduo trabalho agrícola e, por esse motivo, eram raros os beijos e carícias entre os casais. Mesmo assim, Giddens (1993) esclarece que havia muitas oportunidades para os homens se envolverem frequentemente em ligações extraconjugais. Já entre os grupos europeus mais aristocráticos havia mais abertura para a sexualidade feminina, pois “as mulheres eram suficientemente liberadas das exigências de reprodução e do trabalho rotineiro para poderem buscar o seu prazer sexual independente” (p.49).

No século XIX a concepção de casamento estruturado no amor romântico estava se consolidando a partir dos ideais de liberdade de escolha dos parceiros e da busca de autorrealização na relação conjugal, agora baseada nas afinidades mútuas. O romance, o amor sublime, começou a predominar sobre o ardor sexual e surge a “virtude” como elemento norteador do caráter de pessoas de ambos os sexos.

O apelo da literatura romântica, que proporcionava um êxtase geralmente negado na realidade, fez surgir uma visão mais individualizada da família, do lar, modificando as relações entre pais e filhos. A separação entre o local de trabalho e a morada familiar tornou o marido mais concentrado na função de provedor, enquanto a mulher ganhou poder controlando a criação dos filhos, que passaram a ser vistos como mais vulneráveis, vivendo em células familiares menores.

A maternidade, vista como parte do ideal romântico, associa a imagem da mulher ao lar, aos afazeres domésticos, sendo, de certa forma, isolada do mundo exterior. Ao citar um artigo sobre o casamento, publicado em 1839, Giddens (1993) observa que “O império da mulher é um império de suavidade... suas ordens são as

carícias, suas ameaças, as lágrimas” (p.54). Quanto aos homens, estes separavam o amor respeitável compartilhado no conforto do ambiente doméstico, com as esposas, mães de seus filhos, do amor que Giddens (1993) denomina “amour passion”, que é imbuído de desejo sexual e reservado, portanto, às amantes ou mesmo às prostitutas.

No Brasil, em meados do século XIX, Del Priori (2011) menciona que o casamento por interesses econômicos e políticos “deixavam pouco espaço para que a afinidade sexual ou o afeto tivessem grande peso” nas escolhas dos parceiros (p.65). A partir do casamento a mulher abandonava a vaidade, não se perfumava, não se arrumava e passava a viver só para as funções do lar e para criar os inúmeros filhos que daria ao marido. Como mulher casada, seu valor perante a sociedade era medido por seu recato e não era esperado que saísse de casa nem para passear com o marido e os filhos. A ideia vigente era que lugar de mulher honesta é no lar. Enquanto a mulher ficava em casa, descuidada e mal-amada, as infidelidades de homens casados aconteciam explicitamente, geralmente no próprio lar com as escravas, ou com as cortesãs. O domínio da sexualidade feminina era sempre “da outra”, da “mulher bonita” ou até das loucas histéricas, que agiam em busca de um prazer carnal que desafiava os valores morais vigentes. A mulher casada tinha que ser naturalmente frágil, boa mãe, submissa e doce.

Del Priori (2011) resume a condição da mulher brasileira do final do século XIX, nas seguintes palavras:

Partia-se do princípio de que, graças à natureza feminina, o instinto materno anulava o instinto sexual e, conseqüentemente, aquela que sentisse desejo ou prazer sexual seria inevitavelmente anormal.
(DEL PRIORI, 2011, p.90)

A separação entre os conceitos de “mulher para casar” e “mulher para ter sexo” em muito se assemelhava aos citados relatos de Giddens (1993) sobre a sexualidade feminina na Europa, na mesma época, o que pode ser explicado pelos valores trazidos pela corte portuguesa, quando da chegada da família real ao Rio de Janeiro.

No tocante à possibilidade de satisfazer os desejos sexuais, o desequilíbrio entre homens e mulheres casados era evidente. De acordo com Del Priori (2011), o adultério por parte dos maridos era o que permitia a sobrevivência das doutrinas morais mais tradicionais:

Fazia-se amor com a esposa quando se queria descendência; o resto do tempo era com a outra. A fidelidade conjugal era sempre tarefa feminina. A falta de fidelidade masculina, vista como um mal inevitável que se havia de suportar. Era sobre a honra e a fidelidade da esposa que repousava a perenidade do casal. (DEL PRIORI, 2011, p.67)

E a autora segue perguntando: será que elas eram tão santinhas assim?

A resposta é negativa, embora os casos de traição feminina fossem mais raros ou sabiamente bem camuflados. Mesmo que não existam estatísticas, imagina-se que, em geral, as mulheres daquela época eram fiéis porque o custo da infidelidade feminina era alto. As poucas mulheres que se arriscavam a buscar felicidade em outros braços eram severamente punidas por trair o marido. Contudo, a punição variava bastante de acordo com a classe social à qual pertencia a mulher infiel.

As senhoras nobres, esposas de altos personagens, costumavam disfarçar a traição optando por adotar jovens, afilhados, sobrinhos distantes, sob pretexto de fazer o bem aos menos favorecidos. Assim, conseguiam manter o adultério em segredo, dentro dos limites da residência, sem precisar expor o marido importante.

As infiéis que pertenciam à elite, quando eram descobertas, costumavam ser assassinadas pelo marido que, mesmo julgado, acabava sendo absolvido porque, além de o adultério feminino ser uma afronta grave à moral, o júri entendia que a pecha de ser corno já era condenação suficiente para o marido traído.

Quando a mulher era de classe mais desfavorecia, Del Priori (2011) explica que o mais comum era o casal se separar e cada um ia cuidar da sua vida. As mulheres sempre ficavam mal faladas e tinham enorme dificuldade de refazer suas vidas. Poucas tinham a coragem de assumir a traição pois a quebra da fidelidade era considerada falta grave.

Esse era o clima que permeava a questão da infidelidade feminina, no contexto social do século XIX, situação que perdurou até meados do século XX. O corpo feminino foi sendo descoberto aos poucos no teatro, nas pinturas, na arte em geral. Em 1920, surgiram as primeiras “lingeries” e a mulher começou a ter coragem de se olhar no espelho, embora até os anos 50 a palavra “sexo” ainda permanecesse um tabu nas bocas femininas.

Apesar da ligeira transformação ocorrida na primeira metade do século XX, a repressão sexual ainda era profunda entre as mulheres e estava relacionada com a manutenção da moral tradicional. Castidade, pureza, recato, ingenuidade, passividade ainda eram qualidades indispensáveis à mulher honesta, que tinha o objetivo de casar e ter filhos. O casamento, como instituição que sustenta a sociedade, era considerado indissolúvel e as mulheres desquitadas eram vistas como levianas. Assim, a mulher que se sentisse infeliz no casamento deveria se conformar e buscar se distrair com os afazeres domésticos e o cuidado dos filhos.

A procuradora de justiça Luiza Nagib Eluf, em seu livro “A paixão no banco dos réus”, fez um levantamento dos crimes passionais de maior repercussão no Brasil. Em 13 casos, que se estendem de 1873 até o ano 2000, apenas dois deles foram praticados por mulheres. A autora explica que um crime é considerado passionais quando envolve paixão, ou seja, sentimentos fortes de amor e ódio, raiva, frustração, possessividade, desgosto, sofrimento.

No contexto deste estudo, os crimes passionais cometidos por homens, em decorrência de terem descoberto a infidelidade de suas esposas, namoradas ou companheiras, podem fornecer uma imagem de como vem sendo julgada a infidelidade feminina, de como nossa sociedade pune a mulher infiel quando um júri decide que um marido traído pode ser absolvido por matar sua esposa, sob o pretexto de não ter resistido à violenta emoção.

A análise dos julgamentos demonstra que, ao longo do tempo, a sociedade foi deixando de considerar que a mulher infiel merece ser punida com a morte. Entre todos os casos relatados, cabe destacar o de Ângela Diniz, que foi brutalmente assassinada por seu companheiro, Doca Street. Em dezembro de 1976, após uma discussão na casa onde moravam em Cabo Frio, Doca deu três tiros no rosto de Ângela. Como os dois eram figuras públicas, frequentadores das colunas sociais, o julgamento teve grande repercussão quando Doca foi absolvido, sob alegação de legítima defesa da honra. A prática de desqualificar a vítima, alegando que a mulher era promíscua, que já tinha sido casada várias vezes, era comum nos tribunais. E o julgamento se convertia em um linchamento moral.

Depois de muitos protestos de grupos feministas, houve recurso: um novo julgamento foi designado e dessa vez Doca Street foi condenado. Em seu livro, Eluf (2009) cita a reportagem da Revista Veja de 11/11/1981, em que se mencionava que as feministas da organização “SOS Mulher” haviam se mobilizado para não permitir

que a morte de Ângela Diniz ficasse sem punição. Na época, a organização chegou a catalogar 722 crimes impunes de homens contra mulheres, por questões de ciúme e suspeitas de infidelidade. A pressão social neste caso foi um marco para acabar com o olhar benevolente para os chamados “crimes de honra”, geralmente praticados contra mulheres. A campanha ficou conhecida pelo slogan “Quem ama não mata!” e mudou a forma da sociedade brasileira tratar os crimes cometidos contra as mulheres.

Del Priori (2011) igualmente aponta os anos 70 como um momento de muitas transformações como consequência do surgimento de movimentos pela valorização das minorias, entre as quais se incluía a mulher. Longe da ameaça da gravidez, com a chegada da pílula anticoncepcional, a mulher passou a poder decidir quando e com quem teria filhos, exercendo sua liberdade sexual de maneira mais ampla. O movimento feminista se fortalecia e levantava bandeiras como o direito da mulher ter vários parceiros e pleiteavam o reconhecimento de que a mulher teria capacidade de gozar igual aos homens. Era o início da revolução sexual, que reconfigurava os modelos de feminilidade e masculinidade.

De acordo com Eluf (2009), a consagração da igualdade de gênero se completa com a Constituição de 1988, que se manifesta expressamente nas decisões judiciais e se reflete no comportamento de toda sociedade. É fato que a mulher deixou de ser considerada como um ser subordinado ao homem e, portanto, só cabe a ela decidir a forma de exercer sua sexualidade. Conclui a autora que a mulher emancipada se fortaleceu:

A autonomia, a independência psicológica e financeira, a autoconfiança e a certeza de seus direitos humanos, inclusive dos direitos sexuais, impedem que ela (a mulher) aceite certas regras inferiorizantes de comportamento que seu parceiro queira impor. (ELUF, 2009, p.236)

Como se viu, foi um longo caminho até que a mulher conquistasse sua independência sexual e pudesse escolher livremente seus parceiros. Mesmo assim, esses valores ainda variam de família para família, de sociedade para sociedade, tendo em vista que as transformações de comportamento não ocorrem de modo linear e organizado.

É possível encontrar homens e mulheres mais conservadores que ainda encampam a ideia de que o casamento faz com que o marido se torne, de certa

forma, o proprietário de sua esposa, uma vez que seria ele o responsável pelo sustento da família. E a adaptação dessas famílias conservadoras aos novos valores pode gerar conflitos. A equação dos valores internos com a moral social não é automática e está longe de ser fácil.

Desde que os direitos humanos de ambos os sexos sejam respeitados, é entendimento pacífico de que a sexualidade não pode ser regida por regras gerais. Como diz Eluf (2009), a “fidelidade é uma questão interna de cada casal e não pode ser uma imposição social sujeita a punições.”(p.237)

Neste aspecto, vale lembrar que o “adultério” deixou de ser crime recentemente e, no mesmo sentido, a traição não é mais motivo de imputação de culpa ao parceiro infiel em um divórcio. Isto significa que o Estado, representado pelo Judiciário, está devolvendo ao casal a responsabilidade de solucionar seus conflitos amorosos. Não é mais necessário que um juiz diga quem está certo ou errado, para apontar quem traiu ou quem foi traído; ou seja, em termos de corações partidos, cada um que lide com suas dores no âmbito da vida particular.

1.2 - -Sexualidade e infidelidade em pesquisas recentes

Ao longo do tempo, a questão da sexualidade vem sendo tratada de maneira diferente com relação a homens e mulheres. Sob a perspectiva da representação coletiva, ainda existe distinção entre os gêneros, quanto à liberdade de se fazer escolhas no tocante à satisfação sexual, como se verá nas pesquisas a seguir apresentadas.

A pesquisa Gravad (Gravidez na adolescência: estudo multicêntrico sobre jovens, sexualidade e reprodução no Brasil), de 2002, com 4.634 jovens, com idade entre 18 a 24 anos, coordenada por Maria Luiza Heilborn, realizada em três grandes cidades, de distintas regiões do país (Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre), constatou que os jovens entrevistados, de maneira geral, têm uma noção de fidelidade que não se dissocia da afetividade.

Muito jovens pensam que não é possível fazer sexo com outras pessoas quando se está vivendo um relacionamento afetivo, mas entre a opinião de homens e mulheres ainda há uma pequena discrepância. Enquanto 77% dos homens respondem a favor da fidelidade, entre as mulheres esse índice sobe para quase

85%. E quando perguntados sobre a possibilidade de só o homem poder trair, 6,6% dos homens concordaram contra apenas 3,5% das mulheres, o que revela que a mudança em direção à igualdade entre homens e mulheres, quanto à questão da infidelidade, está em acontecendo gradualmente.

Tal constatação se diferencia bastante dos relatos históricos mencionados no presente estudo, que caminhavam no sentido de separar o relacionamento afetivo da vivência sexual. Considerando essa premissa de que atualmente as relações preveem exclusividade de parceiros, tanto no que tange ao envolvimento afetivo, quanto sexual, a infidelidade passa a ser considerada como uma violação ao acordo de respeito mútuo.

A diferença entre a aceitação da infidelidade masculina e da infidelidade feminina ainda é atravessada pelo chamado fator biológico. Existe uma fantasia coletiva de que é mais difícil para o homem controlar seus desejos sexuais, devido à especificidade de suas características hormonais e evolutivas. É certo que essa crença, que tende a naturalizar a infidelidade masculina, vem passando por transformações e já está menos presente, pelo menos, entre as mulheres pesquisadas, como constatou a pesquisa Gravad.

Heilborn (2006), ao apresentar os resultados da citada pesquisa, menciona a questão da associação do desejo sexual como uma necessidade biológica. A pergunta foi feita de forma indireta, indagando se o entrevistado achava possível controlar a vontade de fazer sexo e por quanto tempo. A autora comenta os dados colhidos:

O sexo como uma necessidade física tem pequena proporção de aceitação entre as mulheres de maior escolaridade e é mais aceito em moças com menor nível de escolaridade. Mas, na comparação dos dados dos jovens de alta escolaridade, observa-se uma diferença de gênero muito importante. Os homens altamente escolarizados, pertencentes às camadas médias e médias altas da sociedade, são os que melhor expressam a ideologia de gênero do sexo masculino, que associa o sexo a uma necessidade física e uma força incontrolável, o que contrasta com as mulheres do mesmo grupo social. (HEILBORN, 2006, p.53)

Heilborn (2006) conclui sua análise dizendo que são as pessoas de classe social privilegiada que adotam uma postura mais tradicionalista no sentido de confirmar a supremacia do desejo masculino, em detrimento de uma perspectiva mais relacional da sexualidade.

Diniz (2013), em seu artigo que discorre sobre os resultados de outra pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo, em meados de 2010, que contou com a participação de 2.365 entrevistados, entre homens e mulheres, distribuídos por cinco regiões do Brasil, comenta as dificuldades de se obter considerável grau de precisão nas respostas sobre a vida sexual, observando que tanto homens quanto mulheres tendem a buscar uma conformidade com os padrões que se esperam deles. A autora explica que:

As mulheres se constroem ao declarar inúmeros parceiros, sob receio de serem consideradas promíscuas e assim desvalorizadas, tendendo a subestimar seu número, enquanto os homens tenderiam a superestimar o número de parceiras, o que os valorizaria como grandes sedutores. (DINIZ, 2013, p.163)

No que se refere à possibilidade de não se obter total sinceridade nas respostas, a diferença entre os gêneros, pode ser notada nos resultados, quando os entrevistados foram questionados sobre a ocorrência de experiências extraconjugais. A pesquisa realizada pela Fundação Perseu Abramo em 2001 indicou que 12% das mulheres casadas ou comprometidas declaravam que já haviam sido infiéis. Em 2010, este número de mulheres assumidamente infiéis subiu para 16%, que ainda é bem menor que o número de homens que se declararam infiéis (45%, em 2010).

É possível que, nesse caso, a hipótese levantada no texto de Diniz (2013), tenha se concretizado, falsamente elevando os índices de traição masculinas e falsamente reduzindo os índices femininos, em um sinal de que as respostas refletem uma submissão aos padrões sociais e coletivos, em vez de serem representativas da realidade.

Mesmo que se considere a dificuldade em obter dados precisos sobre sexualidade, já que se deve supor um desconforto do entrevistado no momento de revelar fatos íntimos, a pesquisa da Fundação Perseu Abramo conseguiu fazer uma comparação entre respostas fornecidas em 2001 e mais recentemente em 2010, com a finalidade de demonstrar as transformações ocorridas nos últimos dez anos. Nos temas que se relacionam com este trabalho – sexualidade e fidelidade, Diniz (2013) aponta na direção de que “os dados declarados parecem mostrar uma mudança nos padrões de gênero em direção a relações mais simétricas, ou menos assimétricas” (p.164).

Além da pergunta que se referia às experiências sexuais tidas fora do casamento, tem especial relevância para este estudo aquela que indagou os motivos para que a mulher tenha mantido relações extraconjugais, no curso de seu casamento. Sobre as mulheres que disseram terem sido infiéis motivadas pelo sentimento de vingança, porque o marido havia sido infiel antes (31%, em 2001 e 35%, em 2010), Diniz (2013) observa que esses dados sinalizam uma recusa à dupla moral que julga diferentemente a infidelidade masculina e a feminina. Essas respostas demonstram que as mulheres estão considerando que, se os parceiros têm relações fora do casamento, por uma questão de igualdade, elas também podem ter.

A “insatisfação com o parceiro” aparece como a terceira razão para se ter uma experiência extraconjugal, com uma acentuada mudança nos dados em comparação com a pesquisa anterior (6%, em 2001 e 14%, em 2010). Outro dado que chama a atenção é que a “atração física por outro”, que era justificativa dada por 23% das mulheres em 2001, caiu para 11% em 2010, o que pode indicar que, quase dez anos depois, a infidelidade passou a ser mais uma busca de satisfação consciente da mulher do que um impulso para a satisfação de um desejo instintivo e momentâneo.

As respostas à referida pesquisa apontam que a infidelidade feminina ocorre principalmente em duas ocasiões: ou porque o marido já trai e ela quer ter o mesmo direito, ou porque não está realmente satisfeita com a relação com o companheiro/parceiro e vai buscar carinho e atenção em uma relação extraconjugal.

Segundo Goldenberg (2013), ainda perdura em nossa sociedade a crença de que o homem trai por atração sexual e que a mulher trai em busca de amor. Segundo a autora, coletivamente, a infidelidade feminina seria muito mais difícil de ser aceita porque existe um envolvimento emocional por parte da mulher, além de se configurar um motivo de exposição social do marido traído.

A sociedade brasileira considera natural a traição masculina, justamente porque se pensa que a infidelidade masculina não é decorrente de algum problema do casamento mas o exercício de uma natureza. Já o homem traído é visto como aquele que não soube satisfazer ou controlar sua esposa, o que significa que é um corno, um frouxo ou um broxa. (GOLDENBERG, 2013, p.162)

De acordo com a pesquisa sobre sexualidade feita em 2009, pelo Datafolha, que contou com a participação de 1.888 pessoas, residentes em todas as regiões do Brasil, segundo a opinião de 84% dos entrevistados, a fidelidade é muito importante em um relacionamento. Ainda de acordo com a mesma pesquisa, 40% concordam que um relacionamento aberto pode dar certo.

Essa discrepância pode significar que, uma vez escolhido o modelo monogâmico, os casais esperam que seja respeitado o requisito da fidelidade, ao passo que, se o relacionamento for declaradamente aberto, então não existe a combinação no sentido da fidelidade e fica estabelecido que cada parceiro é livre para escolher se tem outros parceiros. Nesse caso, parece que o valor está no cumprimento dos combinados conjugais, ou seja, se a relação foi convencionalizada prevendo a fidelidade, para 84% dos entrevistados essa combinação deve ser respeitada.

Outra pesquisa realizada nos mesmos moldes pelo Datafolha, em 2007, tendo por objetivo traçar um perfil da família brasileira, apontou que a fidelidade é a qualidade mais desejável para a felicidade de um casamento. Enquanto 21% dos homens entendem que a esposa deve ser fiel para um casamento dar certo, cerca de 25% das mulheres acham que esta é uma característica fundamental para os maridos.

Conforme o Datafolha, a valorização da fidelidade apareceu ainda em outras perguntas feita aos brasileiros. De uma lista com seis itens, 38% apontam a fidelidade como fator mais importante para a felicidade de um casamento, seguida do amor (35%), honestidade (15%), filhos (5%), vida sexual satisfatória e dinheiro (2%). Já a infidelidade, ou traição, é apontada por 53% como o fator mais prejudicial para um casamento, em primeiro lugar, superando a falta de amor (15%) e ciúme (11%).

A diferença entre os gêneros, quanto à tolerância da infidelidade, também aparece na pesquisa do Datafolha de 2007, embora seja discreta. Para 90% dos entrevistados, a mulher não pode ter outros parceiros, mesmo que ela sempre volte pra casa. Em relação aos homens, a tolerância é maior: 19% concordam que um homem até pode ter outras, contanto que volte para casa, o que significa que a maioria (79%) discorda que o homem pode ser infiel uma vez ou outra.

O fato é que a sociedade é dinâmica e passa por transformações constantes. Diante de tudo que se disse, nota-se que o tema da infidelidade é um

aspecto muito importante dos relacionamentos amorosos, tanto para sua manutenção, quanto para como justificativa para ruptura.

Para conhecer um pouco mais sobre a mudança vivenciada pelas mulheres, quando se deparam com a própria infidelidade, no curso de um casamento, buscaremos compreender, à luz da Psicologia Analítica, as escolhas de duas personagens do cinema: Francesca, dona-de-casa que vive uma relação extraconjugal em 1965, no filme “As Pontes de Madison”, e a contemporânea Caroline, que no filme, “Os Belos Dias”, se envolve com um homem mais novo.

2- O caminho da Individuação na Psicologia Analítica

Individuação significa tornar-se um ser único, na medida em que por “individualidade” entendermos nossa singularidade mais íntima, última e incomparável, significando também que *nos tornamos o nosso próprio si mesmo*. Podemos pois traduzir “individuação” como “tornar-se si mesmo” (Verselbstung) ou “o realizar-se do si mesmo” (Selbstverwirklichung). (grifos do autor) (JUNG, 2011, OC 7/2:266)

Segundo Jung, todo indivíduo possui uma tendência para a individuação que significa buscar ser único, uma disposição para tornar-se si mesmo no curso da vida. A individuação é um processo contínuo que começa com o nascimento, mas é na segunda metade da vida que ela se intensifica.

Nos primeiros anos, a criança é mais inconsciente, voltada para as sensações e emoções internas. Não há ainda uma racionalidade instalada e a criança funciona de acordo com o ritmo da natureza, conforme as necessidades do corpo. Gradativamente, vai se dirigindo ao mundo externo, primeiro identificando a mãe como um outro separado de si mesmo e depois observando os opostos: dia/noite, claro/escuro, frio/calor, fome/saciedade, presença/ausência e assim por diante. Segue-se um período em que a criança começa a dar valor às coisas: o que é bom e mal, o que gosta e não gosta, direcionando para formar um pensamento racional em que a identidade é formada, a partir dos valores familiares e coletivos, levando-se em consideração o contexto em que a criança está inserida. Tal identidade consiste tanto naquilo que o indivíduo deseja ser, quanto no que as pessoas esperam que ele seja.

No início da vida tudo é inconsciente. Aos poucos, um pequeno núcleo de identidade consciente denominado ego vai se separando do inconsciente a partir da interação do indivíduo com a realidade. Nessa fase é que se forma a persona, que funciona como mediação entre os impulsos internos e as demandas da coletividade. Os conteúdos que não são aceitos, seja em função aspectos individuais, seja em função de demandas coletivas, são encaminhados para a sombra.

De acordo com Jung, apesar de parecer uma escolha exclusivamente individual, a persona é um segmento da psique coletiva, como uma “máscara que aparenta uma individualidade, procurando convencer os outros e a si mesma de que é uma individualidade, quando, na realidade, não passa de um papel, no qual fala a psique coletiva.” (JUNG, 2011, OC 7/2:245).

A persona representa um compromisso entre indivíduo e sociedade sobre aquilo que cada um parece ser em termos de nome, título, ocupação, forma de se vestir, entre outros:

A persona é um complicado sistema de relação entre a consciência individual e a sociedade; é uma espécie de máscara destinada, por um lado, a produzir um determinado efeito sobre os outros e por outro lado a ocultar a verdadeira natureza do indivíduo. (JUNG, 2011, OC 7/2:305)

Stein (2005) afirma que a persona é a pessoa que passamos a ser como resultado da cultura, educação e adaptação ao meio físico e social. Assim, uma pessoa pode assumir diferentes personas, em diferentes ocasiões e fases da vida. A persona é uma possibilidade de ser em relação a um determinado grupo social, é a capacidade de assimilar um papel social.

No decorrer do processo de desenvolvimento da psique, é preciso que o ego possa se diferenciar da persona, fazendo com que o indivíduo consiga identificar quais são suas necessidades internas e quais as exigências coletivas. Whitmont (2006) explica que é importante identificar que roupas usamos para proteger nosso ego e que aparência queremos ter diante das pessoas, até para podermos trocar de roupa e vestir algo mais confortável, quando é necessário. O indivíduo que fica identificado com a persona, ou seja, que nunca consegue vestir outra roupa, pode-se tornar doente, segundo o autor.

O desenvolvimento da persona é marcado por um conflito no ego que inclui a individuação (tornar-se livre, único e individual) e a conformidade social (ser aceito e querido pelos outros). É preciso adaptar-se às exigências culturais e coletivas sem deixar de ir em direção ao si-mesmo. As dificuldades na equação entre a persona, ego e o si-mesmo inconsciente é comentada por Jung:

A construção de uma persona coletivamente adequada significa uma considerável concessão ao mundo exterior, um verdadeiro autossacrifício, que força o eu a identificar-se com a persona. Isto

leva certas pessoas a acreditarem que são o que imaginam ser.
(JUNG, 2011, vol.7/2:306)

É importante notar que o termo “individualidade” utilizado por Jung não deve ser entendido como individualismo ou egoísmo. Uma pessoa que avança no processo de individuação torna-se cada vez mais consciente de seus aspectos mais individuais, mas também cada vez mais consciente de seu papel coletivo. Para desfazer esse mal-entendido, Jung afirma ser importante fazer a distinção entre os termos “individuação” e “individualismo”:

Individualismo significa acentuar e dar ênfase deliberada a supostas peculiaridades, em oposição a considerações e obrigações coletivas. A individuação, no entanto, significa precisamente a realização melhor e mais completa das qualidades coletivas do ser humano; é a consideração adequada e não o esquecimento das peculiaridades individuais, o fator determinante de um melhor rendimento social. (grifamos) (JUNG, 2011, OC 7/2:267)

Individuação é um processo de desenvolvimento da totalidade e, portanto, de movimento em direção a uma maior liberdade de tornar-se quem se é. Além do desenvolvimento do eixo ego-Self, a individuação na segunda metade da vida é caracterizada pela ampliação da consciência no sentido da integração à psique dos conteúdos inconscientes que estão na sombra, como, por exemplo, a anima e o animus.

Segundo os ensinamentos de Jung, o processo inconsciente está em constante atividade, mas não pode ser acessado diretamente. Ele se manifesta parcialmente por meios de observação representados por sintomas, ações, opiniões, afetos, fantasias e sonhos. Isso significa que tanto durante a noite, como durante o dia, os conteúdos inconscientes buscam espaço na consciência. O autor explica que esse processo de ampliação da consciência tem a função de buscar o si-mesmo, na medida em que consciente e inconsciente se complementam para formar uma totalidade.

Os processos inconscientes compensadores do eu consciente contém todos os elementos necessários para autorregulação da psique como um todo. No nível pessoal, tais processos inconscientes são constituídos por motivos pessoais que a consciência não reconhece, mas que afloram nos sonhos, ou são significados de situações cotidianas negligenciadas, de afetos que não nos permitimos e críticas a que nos furtamos. (JUNG, 2011, OC 7/2:275)

O mecanismo pelo qual o processo de individuação se desenvolve é a compensação, que consiste numa busca de equilíbrio entre polos opostos tendo por objetivo a autorregulação da psique. A relação do inconsciente com a consciência é compensatória, na medida em que para o ego é necessária uma busca de adaptação ao meio ambiente, mas sem perder de vista os aspectos inconscientes.

A primeira etapa para conhecer os processos inconscientes e integrá-los à consciência, como forma de buscar a totalidade psíquica, consiste na conscientização da sombra. Não há acesso ao inconsciente pessoal sem que se passe pelo conhecimento da sombra. Whitmont (2006) define a sombra como sendo a parte da personalidade que foi reprimida em benefício do ego ideal. O autor explica que o conteúdo do inconsciente pessoal que compõe a sombra precisa ser projetado para ser conhecido, de forma que ele aparece na imagem que temos do outro. A sombra, portanto,

(...) é como uma combinação de cascas pessoais dos nossos complexos e, portanto, o limiar de todas as experiências transpessoais. (WHITMONT, 2006, p.144)

Na fase inicial do desenvolvimento humano a sombra é necessária para promover a integração do ego aos valores coletivos. Os aspectos da psique individual que não são aceitos pela sociedade precisam ser reprimidos para que o ego possa se desenvolver. As características da sombra, em geral, estão em contraste com os ideais de ego e precisam permanecer inconscientes até que o ego se fortaleça e possa lidar com esses aspectos reprimidos, o que acontece com mais frequência na segunda metade da vida.

A aceitação da sombra promove autoconhecimento e amplia a consciência em direção ao si-mesmo. Isso porque, ao tomarmos consciência dos aspectos que não aceitamos em nós mesmos, estamos indo em direção à totalidade da psique. Quando tais aspectos, ao invés de serem integrados à consciência, são projetados nos outros, há um prejuízo do autoconhecimento e das relações humanas em geral. Ao projetar a sombra, o indivíduo não é capaz de diferenciar a realidade da outra pessoa dos seus próprios complexos, não consegue identificar com clareza os limites que o separam do outro. Há uma confusão entre o que o indivíduo entende ser ele mesmo e o que enxerga no outro, devido à projeção de sua sombra. (Whitmont, 2006)

Além da conscientização da sombra, o processo de individuação, em um segundo momento, envolve necessariamente o confronto com a anima e o animus, como diz Jung:

Gostaria de ressaltar que a integração da sombra, isto é, a tomada de consciência do inconsciente pessoal, constitui a primeira etapa do processo analítico, etapa sem a qual é impossível qualquer conhecimento da anima e do animus. Só se pode conhecer a realidade da sombra, em face de um outro, e a do animus e anima mediante a relação com o sexo oposto, porquanto só nessa relação a projeção de torna eficaz. (JUNG, 2011, OC 9/2:42)

Stein (2005) afirma que “a imagem de anima/us, baseada nas estruturas arquetípicas subjacentes na psique, adquire uma forma e contornos particulares ao ser filtrada através do sistema psíquico e percebida pela consciência do ego.” (p.130) O autor segue explicando que, ao contrário da sombra, que gera medo e apreensão, a imagem da anima e do animus é transformadora, na medida em que estimula a união, suscita um desejo de ir em frente, de aventurar-se.

Trata-se de um confronto porque, para fins de desenvolvimento psicológico, é essencial que haja um diálogo que envolve duas personalidades distintas, visando a promover uma negociação. Isso pode ocorrer tanto entre duas pessoas que estão em um relacionamento amoroso, no qual as partes envolvidas discutem limites, pontos de vista e articulam uma negociação, quanto entre o ego e sua própria imagem de anima ou animus. Esse processo faz com que se tome conhecimento das projeções no visando à ampliação da consciência. (STEIN, 2005)

Anima e animus são, portanto, arquétipos do inconsciente coletivo, dentro de cada indivíduo, que representam aspectos do sexo oposto. O conceito de Jung sobre anima e animus não se constitui em uma mera descrição biológica da masculinidade e da feminilidade. O conteúdo da anima ou do animus é o complemento da concepção consciente de nós mesmos como masculinos ou femininos. O que costuma significar ser homem ou mulher é fortemente determinado por valores culturais e papéis sexuais definidos em sociedade, sem, contudo, se resumir apenas às definições concretas de gênero.

Whitmont (2006) lembra que a sombra representa características pessoais inconscientes e reprimidas do indivíduo, enquanto a anima e o animus personificam os padrões humanos gerais instintivos, nos quais se baseiam muitas dessas características pessoais.

Utilizando-se dos antigos conceitos chineses de Yang (princípio masculino) e Yin (princípio feminino), Whitmont (2006) tenta relacionar as características de animus e anima. O autor diz que “a anima representa o arquétipo do Yin no homem, o feminino que há dentro dele e o animus representa a masculinidade na mulher, seu Yang”. (p.165)

De modo que o Yang se relaciona ao animus e representa o elemento criativo, a energia iniciadora, força, impulsividade, agressividade e rebeldia; também traz aspectos relacionados ao calor, ao estímulo, à luz, ao dia, ao sol e elementos fálicos como a espada. E de outro lado o Yin se refere à anima e congrega tudo que é receptivo, dócil, retraído, frio, úmido, escuro, envolvente, continente; relaciona-se com a caverna, com a noite, com a lua, é o ventre da natureza, os anseios, os instintos e a sexualidade. (pp.153/154)

A anima pode acarretar súbitas mudanças emocionais, insegurança, instabilidade de humor em um homem. As mulheres dominadas pelo animus frequentemente apresentam opiniões rígidas, são argumentativas e querem ter sempre a última palavra nas discussões. Como afirma Whitmont (2006), no interesse da individuação, é importante descobrir o que a anima ou o animus pensam, sentem, desejam, como se fossem personalidades diferentes, constituídas por padrões distintos.

Como todo conteúdo arquetípico, a vivência dos aspectos anima e animus trazem a possibilidade de uma apreensão totalmente nova do mundo. “A experiência de anima/us é a Estrada Real (*a via regia*) para o si-mesmo.” (STEIN, 2005, p.133). O autor lembra o conceito freudiano de libido, que contém uma evidente conotação biológica, para distingui-lo das impressões de Jung sobre a sexualidade humana:

A teoria da anima/animus de Jung, parece, em parte, ser uma variação altamente imaginativa sobre o velho tema de Freud da sexualidade como fonte central da libido. Mas na sexualidade humana Jung vê muito mais (...). Estão envolvidos fatores psíquicos de atração, e quando estes se separam e distinguem da concomitante atividade biológica, surge a imagem. Essa imagem é um fato psíquico cuja fonte se situa na ponta arquetípica do espectro psíquico. (STEIN, 2005, p.133/134)

Assim, em um relacionamento íntimo, não são apenas os egos dos parceiros que se relacionam. Também estão presentes conteúdos inconscientes entre os

quais se destacam a anima e o animus. A escolha de um parceiro, portanto, sempre vai contar com uma contribuição do ego consciente e com uma forte influência das partes inconscientes. A sexualidade humana é guiada pela imagem arquetípica, que vem de uma herança inconsciente do que são as experiências de nossos antepassados com os aspectos femininos e masculinos. Essas vivências não pertencem especificamente a um homem e uma mulher concretamente, mas são características masculinas e femininas que, a despeito de serem provenientes de remotas eras, ainda estão presentes nos relacionamentos atuais, ainda que de forma inconsciente. Como diz Jung:

(...) Visto esta imagem ser inconsciente, será sempre projetada, inconscientemente, na pessoa amada; ela constitui uma das razões importantes para a atração passional ou para a repulsa. (JUNG, 2011, OC 17:338)

Os conceitos de anima e animus devem ser analisados com cuidado por estarem relacionados às concepções de feminino e masculino, que por sua vez, também estão relacionados com o contexto social. De modo que, ao longo do tempo muitos autores tentaram dialogar com Jung para interpretar e adaptar tais conceitos à realidade contemporânea. Sanford traz um pouco de suas impressões sobre a evolução do conceito junguiano de anima e animus:

Jung primeiro comparou o animus com a alma de uma mulher, do mesmo modo com equiparou a anima à alma de um homem (...). Entretanto essa identificação do animus com a alma foi e tem sido discutida por muitas das colegas e discípulas de Jung. Por exemplo: Emma Jung, Barbara Hannah e Irene de Castillejo, todas elas argumentam que a alma é feminina na mulher e masculina no homem (...). Segundo esse modo de pensar, o animus não é a alma, mas leva a mulher até sua alma. (...). (SANFORD, 2002, pp.100/101)

Da mesma forma, Sanford (2002) menciona que também não é indicado relacionar o conceito de anima e animus diretamente às características atribuídas ao Eros e Logos. Isso significa dizer que a mulher não pode ser considerada apenas como portadora de Eros, com ênfase na sensibilidade e no lado emocional, assim como um homem não pode ser apenas o representante de Logos, no qual fica evidenciado o aspecto racional, de pensamento lógico. Diante disso, não é indicado simplificar a questão dizendo que o animus traz aspectos do Logos para a mulher e

nem que os aspectos de Eros são trazidos pela anima. Para o autor, em sua obra Jung usou tais termos apenas como referência, de forma a permitir aproximações conceituais, na medida em que é evidente que uma mulher pode pensar por si mesma, sem precisar que o animus pense por ela, da mesma forma que o homem tem seus próprios sentimentos e pode usar sua capacidade de amar sem depender da anima para isso.

Como este estudo concentra-se na análise de duas personagens femininas, o aspecto do animus será o foco principal. Como se disse, animus é o aspecto masculino – Yang, que existe no inconsciente da mulher. Whitmont (2006) diz que o animus é a “masculinidade recessiva”, formado por “padrões que ela simplesmente aceita como verdadeiros, que nem mesmo sabe que são padrões” (p.179). Devido às características Yang do animus, a projeção de sua imagem inconsciente geralmente se dá sobre pessoas intelectualizadas ou figuras heroicas. Assim, uma mulher pode se sentir atraída por grandes pensadores da atualidade, tais como filósofos, escritores, professores ou até figuras heroicas, como um músico conhecido ou uma celebridade esportiva.

Por outro lado, Stein (2005) observa que as mulheres podem ser atraídas também por seu lado menos desenvolvido na consciência. Assim é possível que uma mulher muito forte se interesse frequentemente por homens fracos e passem a ter

fantasias de serem as salvadoras deles, resgatando-os do alcoolismo ou de alguma outra forma de decrepitude. Uma vez mais, estão buscando uma parte perdida delas próprias, o animus, que se apresenta como um macho inferior em projeção. Ou, se ela é uma mulher fraca e desamparada, o seu inconsciente pode compensar com imagens de competência masculina, e ela ver-se-á irremediavelmente atraída por uma carreira que seja a projeção de um animus heroico. (STEIN, 2005, p.134)

O animus pode se apresentar como um amante ciumento, ao se colocar entre o homem e a mulher que vivem um relacionamento amoroso. Isso porque o homem real, de carne e osso, pode ser substituído por uma opinião do animus, que é sempre coletiva, por ser arquetípica, e desconsidera os julgamentos individuais. As projeções afetivas, as imagens de animus, quando são contrastantes com o jeito de ser do parceiro real, podem gerar brigas e discussões.

Jung menciona a importância de se conhecer os aspectos inconscientes envolvidos no sistema de relações com anima e animus, para tornar possível sua diferenciação e a consequente ampliação da consciência. Em suas palavras

É impossível que alguém se diferencie de algo que não conheça. No que concerne à questão da persona, é fácil explicar ao indivíduo que ele e seu cargo são duas coisas diferentes. Mas no que se refere à anima, a diferenciação é mais difícil pelo fato desta ser invisível. (JUNG, 2011, OC.7/2:310)

Nesse sentido, deve-se lembrar que, para a meta da individuação, isto é, para a realização do si-mesmo, o indivíduo precisa entender a importância dos fatores inconscientes para o desenvolvimento da psique individual e buscar ampliar, ao longo da vida, sua consciência no que se refere tanto ao sistema persona/sombra, quanto ao sistema anima/animus.

3 - Objetivo

O presente estudo pretende fazer uma análise simbólica da infidelidade na vida de duas mulheres fictícias: Francesca e Caroline, personagens dos filmes “As Pontes de Madison” (The Bridges of Madison County, EUA, 1995) e “Os Belos Dias” (Les Beaux Jours, França, 2013), utilizando-se do arcabouço teórico da Psicologia Analítica.

4- Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que fez um entrelaçamento entre os conceitos da Psicologia Analítica e o sentido da vivência da infidelidade por duas personagens fictícias, que têm sua história contada no contexto dos filmes: “As Pontes de Madison” e “Os Belos Dias”.

O método de pesquisa que norteou este trabalho foi o “processamento simbólico-arquetípico” dos fenômenos psíquicos, com base no paradigma junguiano. De acordo com Penna, o processamento é simbólico porque

(...) o eixo central da pesquisa junguiana situa-se no símbolo como fenômeno psíquico a ser investigado. O símbolo, como único meio pelo qual o inconsciente se torna acessível à observação, é o elemento que congrega aspectos conhecidos e desconhecidos, sintetizados pela função transcendente da psique, e traz à luz, ou à tona, da consciência aquilo que é relevante e significativo para uma dada consciência (PENNA, 2014, p.104)

O símbolo é a melhor forma de expressar algo que não é completamente conhecido e sabido. Para Jung, um símbolo é impregnado de significado e permanece vivo enquanto não for desvendado, de forma que o símbolo funciona como uma ponte que liga o lado consciente ao lado inconsciente.

Todo produto psíquico que tiver sido por algum momento a melhor expressão possível de um fato até então desconhecido ou apenas relativamente conhecido por ser considerado um símbolo se aceitarmos que a expressão pretende designar o que é apenas pressentido e não está ainda claramente consciente. Na medida em que toda teoria científica encerra uma hipótese, portanto, é uma

descrição antecipada de um fato ainda essencialmente desconhecido, ela é um símbolo. Além disso, todo fenômeno psicológico é um símbolo, na suposição que enuncie ou signifique algo mais e algo diferente que escape do conhecimento atual. Esta suposição é absolutamente possível onde há uma consciência que procura outras possibilidades de sentido das coisas. (JUNG, OC 6:906)

Whitmont (2006) complementa que “a abordagem simbólica pode mediar uma experiência de algo indefinível, intuitivo e imaginativo, ou uma sensação de algo que não pode ser transmitido de nenhuma outra maneira” (p.16). A análise simbólica, conforme preceitua a Psicologia Analítica, é a forma de alcançar o fenômeno psíquico a ser observado, que não pode ser visto diretamente. Sobre o assunto, o autor esclarece:

Como o átomo, a psique e seus elementos não são objetos físicos que podem ser vistos ou tocados; diferentemente do átomo, no entanto, eles não podem nem mesmo se adequar às condições de testes de laboratório e de avaliação estatística. Não podemos falar da psique como algo que *é* ou *não é* isto ou aquilo. No máximo, falamos dela indiretamente ao descrever o comportamento humano (...) (WHITMONT, 2006, p.15)

Além de simbólico, conforme explica Penna (2014), o processamento da investigação também é arquetípico. Isso porque, em se tratando de um estudo no campo da Psicologia Analítica, o arquétipo é fator essencial a ser observado.

Como já se disse, o arquétipo não pode ser apreendido em si, ele é uma potencialidade que depende de uma consciência, individual ou coletiva, para ser percebido. Ao comentar a natureza dos arquétipos, Jacobi (1986) explica:

Quando o arquétipo aparece no aqui e no agora do espaço e do tempo, podendo, de algum modo, ser percebido pelo consciente, falamos então de um *símbolo*. Diz-se, desta forma, que cada símbolo é também um arquétipo, que ele *precisa* estar determinado por um arquétipo “em si” (que não é perceptível), o que significa que ele precisa ter um “esboço fundamental arquetípico a fim de ser considerado símbolo; (...) como já caracterizamos o “arquétipo em si”, ele é, sem dúvida alguma, sempre um símbolo potencial, e quando existe uma constelação psíquica geral ou uma posição adequada do consciente, ele está sempre *pronto para se atualizar e aparecer como símbolo*. (grifos da autora) (JACOBI, 1968, p.72)

Fenômenos psíquicos inconscientes podem também ser investigados nos sonhos, mitos e contos de fada. Von Franz (2008), ao comentar sobre a importância da interpretação dos contos de fada para a psicologia junguiana, diz que “nos mitos, lendas ou qualquer outro material mitológico mais elaborado obtém-se as estruturas básicas da psique humana através da grande quantidade de material cultural” (p.25). E a autora segue explicando que, como os contos de fada são menos específicos, é possível acessar a mensagem inconsciente sem muita interferência da consciência. Nos sonhos, ao contrário, o acesso se dá pelo relato do sonhador e, nesse caso, pode haver grande influência do contexto pessoal, o que pode direcionar as possibilidades de interpretação do conteúdo onírico. Von Franz (2008) defende que a prática de interpretar os contos de fada, nos quais não há contexto pessoal e tampouco a presença de memórias pessoais, pode levar a captar uma imagem mais clara das estruturas psíquicas.

As considerações de Von Franz (2008) sobre a interpretação dos temas dos contos de fada diferem um pouco da análise das histórias contadas nas cenas de cinema porque os filmes são produções culturais que emergem de consciências individuais e, portanto, estão vinculados a um contexto histórico. Os mitos e contos de fada, ao contrário, são produto do inconsciente coletivo. Mesmo assim, o estudo de histórias de cinema ganha relevância por trazer temas universais que ressoam nas pessoas por serem expressão de conflitos contemporâneos. Isso significa que, ao observar as vivências das personagens Francesca e Caroline, será possível ter acesso a uma série de imagens e eventos simbólicos importantes para entender como os conteúdos arquetípicos se manifestam na atualidade.

Quanto à compreensão dos fenômenos psíquicos inconscientes, será utilizado o método da amplificação simbólica que, de acordo com Penna (2014), envolve uma estratégia de ir rodeando o símbolo, de forma a

(...) abrir um leque de possibilidades de tradução do símbolo por meio da conexão dos aspectos do símbolo com tantas imagens quantas possíveis, mantendo-se fiel ao fluxo de associações, ao núcleo imagético do símbolo; ao sentido original do símbolo em questão. A rede de associações por analogias e comparações entre as diversas áreas do conhecimento favorece a articulação entre o nível arquetípico (coletivo) e o nível particular (individual) do fenômeno; (...) (PENNA, 2014, p.180/181)

A amplificação é um processo de descoberta, que envolve buscar outras maneiras de conhecer e compreender o material simbólico pesquisado. Como o símbolo é um elo com o desconhecido, com o inconsciente, é importante observar a manifestação simbólica de forma ampla, envolvendo um olhar para o presente e o passado, o individual e o coletivo, o particular e o universal.

O processo de amplificação não significa apenas a atividade intelectual de efetuar ligações ou correspondências conceituais, mas envolve também a capacidade de ver as coisas em sua totalidade, fazer novas leituras do símbolo e chegar a novas sínteses. (PENNA, 2014, p.181)

Penna (2014) afirma que o sentido coletivo do símbolo pode ser encontrado no âmbito das produções culturais, entre as quais aponta a literatura, os mitos e o cinema, cuja observação permite que se busque semelhanças de sentido e significado, para que se faça a amplificação.

Sobre a especificidade do objeto de investigação no âmbito da Psicologia Analítica, Penna pondera:

O objeto de investigação da psicologia analítica se define como a psique humana em suas relações com a vida. Para Jung o fato de a psique ser, tanto sujeito como objeto do conhecimento, distingue a psicologia das outras ciências, exatas ou naturais, e implica, necessariamente, um método que considere esta particularidade. (PENNA, 2013, p.134)

E neste mesmo sentido de considerar as particularidades do pesquisador junguiano, Von Franz salienta a importância dos aspectos emocionais envolvidos na observação das imagens arquetípicas:

Uma imagem arquetípica não é somente um pensamento padrão (como pensamento padrão ela está interligada com todos os outros pensamentos); mas ela é, também, uma experiência emocional – a experiência emocional de um indivíduo. Só se essa imagem arquetípica tiver um valor emocional e afetivo para o indivíduo ela poderá ter vida e significação. (VON FRANZ, 2008, p.19)

Assim, ao assistir a um filme, a mera observação das imagens já traz uma interpretação pessoal. As expressões das personagens e o que elas estão sentindo no curso da história contada na tela podem ser vistas e sentidas de maneira diferente por cada pesquisador, de acordo com seu próprio contexto, mas é certo

que alguns conteúdos, por serem arquetípicos, alcançam todos os seres humanos. Sobre esse assunto, Beebe (2001), em seu artigo “*The Anima in film*”, menciona a importância do cinema para a análise de conteúdos arquetípicos:

No cinema, como em nenhum outro meio, podemos realmente ver o comportamento arquetípico; na vida, nós a conhecemos (a anima) muito mais indiretamente, pelo humor, impulsos, sintomas e como uma personagem fugaz em nossos sonhos – isso se, de fato, conseguimos lembrar deles. No filme, podemos ver a figura da anima ao longo do tempo, com uma roupagem mais ou menos estável, em sua estranha tarefa de mediar o destino do protagonista. Podemos assistir como a anima se relaciona com os outros complexos da psique.¹ (Tradução livre) (BEEBE, 2001, p.212)

Não é segredo que há um desconforto quando se busca fazer pesquisa sobre temas relacionados à sexualidade porque as pessoas naturalmente se sentem pouco à vontade para falar sobre questões íntimas, principalmente para uma pessoa estranha, como, por exemplo, no caso de ter que responder perguntas de um pesquisador.

A escolha do cinema como fonte de observação da infidelidade é uma maneira de aprofundar o raciocínio simbólico utilizado na clínica, associando-o à cultura na qual estamos inseridos, tanto como pacientes quanto como terapeutas. Oliveira (2007) menciona a relação das imagens arquetípicas com a cultura e a psicoterapia:

Os analistas junguianos tradicionalmente se dedicaram ao estudo dos contos de fada por considerá-los uma das formas mais puras de expressão do inconsciente coletivo. Nessas histórias, aspectos individuais e culturais foram minimizados, possibilitando uma expressão mais clara das estruturas e processos psíquicos. A ideia central é que as histórias contadas e recontadas pela humanidade ao longo do tempo perdem características regionais até a representação se tornar mais coletiva, sobressaindo o núcleo de significado. (...) Os meios de comunicação, ao contrário, trazem imagens arquetípicas impregnadas por aspectos da cultura. A compreensão das imagens propagadas por eles é importante na medida em que elas se referem à cultura na qual estão imersas as pessoas que recorrem à psicoterapia. (OLIVEIRA, 2007, p.12)

¹ Trecho original em inglês: “In film, as in no other medium, we can actually see the behavior of the archetype; in life, we know her far more indirectly, as moods, impulses, symptoms, and as a shape-shifting fleeting personage in our dreams - if indeed, we can remember them. In film, we can see the anima figure over time, in a more or less stable guise, at her strange task of mediating the fate of a protagonist. We are permitted to watch as the anima relates to the other complexes of a psyche.”

4.1 - Procedimento de coleta de dados

Os filmes foram selecionados por trazerem histórias de mulheres comuns, que apresentam características e conflitos que poderiam ser encontrados em mulheres que vivem nos dias atuais, no Brasil ou em qualquer lugar do mundo, pois a hipótese deste estudo é no sentido de que tais vivências, mesmo que atravessadas por aspectos culturais, sejam arquetípicas.

As duas personagens são casadas, aparentemente têm uma situação financeira estável e têm filhos, embora como requisito fundamental para seleção importasse apenas que a personagem fosse casada e vivesse uma relação extraconjugal no decorrer da história.

O termo infidelidade utilizado neste trabalho, portanto, se refere ao envolvimento amoroso, com contato físico da personagem principal com outro homem, na vigência de seu casamento. Além de infidelidade, a literatura pesquisada também faz menção aos termos traição e adultério, que, para efeito deste estudo, foram considerados sinônimos.

A opção de analisar especificamente a infidelidade feminina se fundamenta nas questões históricas e antropológicas mencionadas na introdução deste estudo, que demonstram todo o caminho percorrido pelas mulheres para conquistar sua liberdade, permitindo que atualmente elas possam viver sua sexualidade e fazer suas escolhas de forma mais plena.

Esta pesquisa é de cunho teórico-cultural, que, conforme definição de Penna (2014), são aquelas que fazem uso de ilustrações ou amplificações culturais com o intuito de compreender o fenômeno em sua articulação com o plano cultural. A autora afirma que o tipo de material a ser utilizado como fonte de observação do fenômeno deve ser claramente delimitado, “visto que, dependendo da escolha feita pelo pesquisador, as perspectivas de observação e o tipo de registro de material serão diferentes” (p.157).

Penna (2014) ainda chama atenção para a possibilidade de ser criado um viés pelo pesquisador, devido ao fato de que a apreensão do símbolo, por ter caráter numinoso, pode mobilizar forte carga energética emocional e intelectual, que pode ser projetada no objeto de pesquisa, fazendo surgir fantasias e idealizações. Nesse caso, o cuidado minucioso com os dados coletados pode permitir que outras pessoas possam ter acesso ao caminho percorrido pelo pesquisador.

A proposta deste trabalho foi compreender o fenômeno da infidelidade na vida de duas mulheres fictícias, e para tal finalidade, foram selecionadas algumas cenas de cada filme para análise. O critério de seleção levou em conta a relevância da cena para fazer o entrelaçamento dos conceitos de psicologia analítica com a história das personagens e com o tema da infidelidade, buscando identificar os símbolos que podem fazer a ponte entre o que se vê objetivamente e eventual conteúdo inconsciente.

Alguns diálogos presentes nas cenas selecionadas, e que tem importância para demonstrar o contexto da vivência das personagens, foram transcritos com o objetivo de manter a fidelidade ao dado observado. Entretanto, as expressões faciais e outros dados não verbais foram interpretados pela pesquisadora, buscando captar aspectos inconscientes, as sensações e sentimentos que não estão descritos nas falas, mas aparecem nos símbolos apreendidos.

Assim, a unidade de análise foi a história das personagens Francesca e Caroline, expressa em cenas nas quais se observou inicialmente as imagens, os diálogos, as expressões faciais e corporais das personagens e, em segundo plano, música ambiente, iluminação e demais elementos cinematográficos.

5 - Filme “As pontes de Madison”

5.1 – Resumo

Na fazenda da família Johnson, no interior do Estado de Iowa, os dois filhos de Francesca estão recebendo os pertences da mãe, que morreu recentemente e deixou instruções para ser cremada, pedindo que suas cinzas fossem jogadas na ponte Roseman. Michael e Carolyn estranham o desejo da mãe e questionam o testamenteiro, que lhes mostra alguns documentos deixados sob seus cuidados, entre os quais há uma carta e algumas fotos.



Carolyn abre uma carta de amor endereçada à mãe, assinada por Robert Kincaid, e chama Michael de lado, propondo que eles fiquem sozinhos para entender o que se passou com a mãe. A partir da carta, os filhos descobrem que a mãe havia vivido um romance com o fotógrafo. Juntos, os irmãos começam a ler os diários de Francesca.

Em um domingo qualquer do ano de 1965, Richard, marido de Francesca, acompanhado dos dois filhos, ia para a feira estadual de Illinois. Francesca estava feliz porque enfim teria alguns dias só para ela.

No dia seguinte, enquanto batia uns tapetes na varanda, uma caminhonete para em frente da casa de Francesca. Pensando estar perdido, Robert desce e pede informações a Francesca sobre o caminho para a ponte Roseman. Diz que é fotógrafo e está fazendo uma reportagem para a revista National Geographic, sobre as pontes cobertas de Madison County. Francesca tenta explicar para Robert como se chega à ponte Roseman e usa como referência os nomes das fazendas vizinhas. Como Robert não conhece nada por ali e não há placas de sinalização, ela decide ir com ele para mostrar o caminho.

Robert começa uma conversa com Francesca, mas ela parece tensa e responde de forma monossilábica. Ele fala do cheiro da terra, conta um pouco sobre a vida dele, de onde é, o que faz, diz que foi casado e agora é divorciado, mas Francesca responde apenas educadamente, sem querer se expor muito. Até que

Robert pergunta sobre sua origem e ela responde que nasceu na Itália, em uma cidade que ninguém conhece: Bari. Quando o fotógrafo conta que conheceu Bari, ela parece não acreditar, ainda mais porque ele fala que desceu do trem apenas porque se encantou com a cidade.

Ao chegar à ponte, Robert fica impressionado com sua beleza e vai explorar o lugar. Francesca o observa de longe, um pouco desconfiada. Como a luminosidade não está boa para fazer as fotos, ele diz que retornará no dia seguinte. Antes de voltar ao carro, ele colhe umas flores para Francesca, dizendo que é em agradecimento à ajuda dela. Ela brinca que são flores venenosas e eles dão risada. Na volta, visivelmente mais solta, ela o convida para entrar e tomar um chá. Eles conversam na mesa da cozinha. Francesca fala de seu casamento e de seus sonhos não realizados. Robert fala de suas viagens e de sua vida solitária. Eles jantam juntos e Robert vai embora. Francesca fica angustiada à noite e volta à ponte Roseman para deixar um bilhete para Robert convidando-o para jantar com ela novamente.

Com seu vestido novo, Francesca aparece deslumbrante para jantar com Robert. Eles dançam e se beijam embalados pela música romântica que toca no rádio da cozinha. Os dois dormem juntos e decidem passear fora da cidade no dia seguinte, longe dos olhares maliciosos.



Naquela noite, Francesca não consegue dormir. Fica preocupada com o que vai ser deles quando ele for embora. Ela pergunta para Robert se ela é mais uma de suas conquistas pelo mundo e ele fica chateado. Francesca continua discutindo com o fotógrafo, exigindo dele que fale a verdade sobre seus sentimentos por ela. Robert diz que não pode precisar dela simplesmente porque sabe que não conseguirá levá-la com ele porque ela é casada e não parece ter nenhuma intenção de largar o marido.

Robert pede para Francesca partir com ele. Ela arruma as malas, desce para jantar, mas não toca na comida. Robert nota que ela está confusa e a questiona. Ela confirma que, cada vez que revira sua cabeça, sempre pensa que não é a coisa certa a fazer e continua explicando que sua partida faria mal a todos, que a família não sobreviveria à fofoca, que o marido e os filhos nunca entenderiam.

Apesar da insistência de Robert, Francesca afirma que sempre vai carregar aquela casa com ela e vai senti-la quando estiverem juntos em outro lugar. Ela chora e fala que não quer começar a culpá-lo pelo sofrimento e estragar as lembranças dos quatro dias maravilhosos que eles viveram juntos.

Robert segue insistindo para ela acompanhá-lo e Francesca responde: *Somos as escolhas que fizemos, Robert. (...) quando uma mulher faz a escolha de*



se casar e ter filhos, por um lado sua vida se inicia, e, por outro, termina. Inconformado Robert pergunta se ela vai desistir do amor deles e Francesca diz que, ao ficar com a família, está escolhendo manter protegido o amor deles.

A leitura dos diários aproxima os filhos da verdadeira Francesca. Carolyn e Michael associam as emoções e dúvidas narradas pela mãe aos seus próprios relacionamentos, vivenciando uma experiência transformadora.

5.2 – Análise

5.2.1 - Conhecendo Francesca

Francesca é uma dona de casa de aproximadamente quarenta anos. Mora em uma pequena cidade do estado americano de Iowa. Nascida na Itália, Francesca casou-se com Richard quando ele foi servir o exército em Nápoles. Tem dois filhos adolescentes, Carolyn, de 16 anos e Michael, de 17. Ao chegar nos Estados Unidos, Francesca trabalhou um tempo como professora e gostava de pensar que sua dedicação poderia fazer a diferença na vida de alguém, mas acabou deixando de trabalhar porque o marido não aprovava que ela trabalhasse.

Parecia conformada com o rumo que a vida havia tomado. A cena em que ela serve o jantar para o marido e os filhos, na véspera de eles viajarem para a feira de Illinois, demonstra o desânimo de Francesca. Em quanto prepara a refeição, Francesca escuta a música vinda de sua rádio preferida. A filha é a primeira a

chegar na cozinha e, sem pedir licença, muda a estação de rádio. Francesca só olha para filha sem nada dizer. Logo depois entra o filho e bate à porta da cozinha com força. Como se falasse com ela mesma, Francesca se pergunta baixinho: “*custa não deixar a porta bater?*”. Em seguida entra o marido, bate a mesma porta com força e Francesca nem se dá ao trabalho de comentar. Richard se senta à mesa. Com uma expressão desanimada, Francesca acaba de colocar a mesa, pega o molho que estava na geladeira e serve o marido, que nem levanta os olhos do prato. Ela nem toca na comida, só olha pela janela com o olhar perdido. Parece se sentir tão deslocada nesta família mas, ainda assim, não tem energia para reagir.

Enquanto arruma as malas para o marido viajar, ele ainda insiste: “*Não quer mesmo ir? O que você vai ficar fazendo todos esses dias?*” E ela responde resignada: “*O mesmo de sempre, só que com menos ajuda*”. Apesar de toda passividade, Francesca ainda consegue demonstrar personalidade nesse pequeno detalhe de ironia porque o que se nota, na verdade, é que ela não costuma ter ajuda nenhuma por parte da família. Em seus pensamentos, Francesca quer é ter uns dias só para ela, mesmo que isso significasse, naquele momento, ficar sozinha cuidando da casa e da fazenda da família.

Nessa cena fica evidente que a família de Francesca tem um funcionamento patriarcal, na qual o homem é o responsável pelo sustento da casa e estabelece as regras familiares, enquanto à mulher cabem as atividades consideradas de menor importância como cuidar da casa e dos filhos. O marido de Francesca não entende o que ela pode fazer enquanto ele estiver fora porque, na concepção patriarcal, a mulher é pouco valorizada e só tem a função de servir o marido e os filhos. É como se Francesca não existisse como ser individual, com prazeres e humores próprios. Ninguém da família nota que ela não come na cena que mostra a família jantando. Ninguém nota que ela gosta de escutar jazz no rádio da cozinha. Estas duas cenas iniciais demonstram que, para Richard, Michael e Carolyn, Francesca só existe enquanto desempenha a função de dona de casa e mãe.

No dia seguinte, limpando os tapetes na varanda, Francesca recebe o fotógrafo Robert Kincaid. Ele pede informações sobre a ponte Roseman e ela começa a explicar o caminho para a ponte como se o mundo todo se resumisse aos seus vizinhos fazendeiros. Robert, que é um homem viajado, parece achar graça no jeito confuso de Francesca. De fato, até a chegada de Robert, parece que o mundo

de Francesca se resumia àquele pequeno pedaço de propriedade rural no interior dos Estados Unidos.

Nessa primeira cena em que Robert conhece Francesca, ela está toda desarrumada, tirando a poeira do tapete, o que faz pensar no quanto sua própria vida estava cheia de pó, estagnada, empoeirada. Outro símbolo desta cena é a “poeira varrida para baixo do tapete”, no sentido dos conteúdos da vida de Francesca que foram esquecidos, não trazidos à consciência ao longo do casamento com Richard. É como se fosse preciso olhar para o que estava embaixo daquela vida pacata e sem graça que Francesca vivia até então.

Robert aparece na varanda da casa de Francesca, fazendo uma oferta de movimento, como se dissesse: vamos atravessar ponte, conhecer caminhos, novos lugares, outras referências. É um convite para ampliação da consciência de Francesca, um convite à transformação, representado pela figura aventureira de Robert. Ela, que estava descalça, corre para buscar os sapatos dentro de casa. Pode-se pensar também que é preciso proteger os pés quando se sai para uma longa caminhada, quando se vai andar por terrenos desconhecidos. Ao entrar na caminhonete de Robert, Francesca dá uma rápida olhada na porta do veículo, onde se lê “Robert Kincaid – Fotografia”; também olha a caçamba da caminhonete, como se desconfiasse do veículo que a conduziria para o outro lado do mundo. Robert toma o assento do condutor e retira suas coisas do banco do passageiro dizendo que não estava esperando companhia.

No caminho, Robert vai fazendo perguntas para tentar entender quem é aquela mulher. A impressão é que ele, logo de início, percebe que ela não pertence àquele lugar. Aqui vale lembrar que Robert é um fotógrafo, uma pessoa que observa a realidade para extrair a melhor imagem, busca captar a essência dos lugares que visita. E é isso que tenta fazer com Francesca.

“Sente o aroma agradável da terra? Há quanto tempo está casada? De onde você vem?” Não, Francesca não sente o cheiro da terra, ela não consegue sentir a natureza em volta dela, tudo parece árido, sem vida. Francesca nem se lembra há quanto tempo está casada, tenta contar nos dedos mas decide dizer simplesmente: *“Há muito tempo”*, como se sentisse que é tempo demais, não se importando em fazer contas. Com o mesmo jeito displicente, diz que nasceu na Itália, já imaginando que essa informação também não faria grande diferença porque afinal, como ela adverte, ninguém conhece Bari, sua cidade natal.

Mais uma vez Francesca parece achar natural que as pessoas não se interessem por ela, como ela mesma não se interessou em fazer presente características marcantes de sua origem. A identidade italiana de Francesca passa despercebida na sua família. Embora tenha vivido na Itália até se casar com Richard, por volta dos 20 anos, nada em Francesca lembra a intensidade e a emotividade da cultura italiana. Mesmo o marido a chama de Franny, acentuando a identificação com os Estados Unidos. Quando ela diz que vem de uma cidade na Itália que ninguém conhece, Francesca parece dizer a Robert que ela é essa “cidade que ninguém conhece”. Mas, para espanto de Francesca, Robert conhece Bari. E ainda diz que viveu dias muito agradáveis na cidade dela. Francesca abre os olhos e olha para Robert com mais atenção. Parece não acreditar que ele poderia conhecer os lugares onde a mocinha Francesca viveu. Como aquele estranho poderia ter sentado no mesmo café em que ela havia visitado, após uma tarde de compras?

Como representante do animus, Robert também traz com ele o prazer das sensações e da integração com o ambiente. Robert aproxima Francesca de sua própria alma feminina. Tudo é muito intenso nele: visão, olfato, tato, paladar. Fala do perfume trazido pela terra viva que Francesca, a despeito de morar lá, não sente. Exalta as paisagens, os sabores da comida, observa o céu, o sol, sente o calor do lugar. Após roçar levemente a perna de Francesca para alcançar o porta-luvas, em um atrevimento adolescente, oferece cigarro a ela, que aceita com leve sorriso transgressor. Robert traz um mundo de sensações para a vida adormecida de Francesca.

Robert não se cansa de repetir que ficou impressionado com a beleza da ponte Roseman e pergunta se Francesca costuma ir sempre lá. Ela diz que não, sem prolongar a conversa. Desconfiada, Francesca começa a observar Robert de longe, buscando desvendar aquele homem tão diferente. Espia através das madeiras envelhecidas da ponte. No meio da relva, medindo a luminosidade, Robert reclama do calor. Ele se lembra de dizer a Francesca que, se ela quiser, tem refrigerante no carro. Ela aceita e vai buscar. Ao levantar a lona para pegar a bebida, dá uma olhada na bagagem de Robert e logo em cima das roupas vê uma revista LIFE. A palavra *life*, que em português significa vida, é o símbolo de tudo que Robert veio trazer para Francesca. Essa é a bagagem que ele carrega: o gosto pela vida.

Tendo se casado com um homem simples e meio rude, Francesca não percebeu do quanto havia se afastado de sua essência até a chegada de Robert. Talvez ela mesma, até aquele momento, não tivesse consciência da importância de suas origens italianas. Tinha esquecido de seus sonhos de menina, distanciando-se das emoções à flor da pele, da intensidade da natureza.

Depois de pegar a bebida no carro, Francesca vai ao encontro de Robert e o surpreende colhendo flores roxas. Quando ele se aproxima para lhe oferecer as flores, em agradecimento pela gentileza em mostrar o caminho da ponte, ela brinca dizendo que as flores são venenosas. Robert solta as flores imediatamente e Francesca começa a rir. Ela diz que não sabe por que fez essa brincadeira e se desculpa.

O humor inteligente de Francesca começa a aparecer, como estratégia de defesa. O fato de inventar que as flores são venenosas deixa Robert desconcertado e, ao mesmo tempo, disfarça o constrangimento de Francesca ao ser presenteada com flores. Parece um jeito de quebrar o clima de sedução que, naquele momento, ainda era novo e assustador para ela. A vergonha de ser desejada por um homem, mesmo sendo casada, e depois de tanto tempo, faz com que as flores, no inconsciente de Francesca, pareçam venenosas.

Antes de dar as flores, Robert pergunta a ela se os homens não costumam fazer isso e ela concorda, embora tais gentilezas façam parte de um mundo ao qual Francesca imagine não pertencer. Por outro lado, pode-se entender que esse “veneno” oferecido por Robert seja representativo da flechada do cupido, como se ela temesse ser completamente envenenada pelo carinho dele, pressentindo o risco de se entregar àquele amor e trair seu marido.

5.2.2 - Apresentando Robert

Robert, como imagem de animus, se apresenta a ela com flores nas mãos, despertando Francesca para sentir os perfumes da natureza, para ver a beleza das cores, para sentir seu calor. Robert é a ponte para fazer com que Francesca acesse as sensações adormecidas, sinta o gosto de ser tratada com sensibilidade por um herói aventureiro. Robert renova a possibilidade de transformação de Francesca a cada ponte visitada. Mais uma vez lembrando Sanford:

O animus pode agir com um guia que conduz a mulher até a sua alma, porque ele usa a sua tocha da discriminação e da compreensão para iluminar o mundo interior dela. (...) A alma numa mulher é feminina como ela própria, ou, tentando descrever melhor, é como uma força, uma fonte de energia e de amor. (...) Para uma mulher, a descoberta da alma constitui a descoberta do que é, mais essencialmente, sua própria natureza mais profunda e verdadeira. (SANFORD, 2002, pp.102/103)

Robert se preocupa com seu bem-estar, se interessa por sua história, gosta da música que ela escuta, elogia a comida que ela faz, enfim, fala à sua alma. Ao contrário da família, que parece desvalorizar a identidade feminina de Francesca, o fotógrafo se oferece para cortar os legumes, lavar a louça, arrumar a mesa do jantar. Ela parece não acreditar que aquele homem companheiro e interessante está na sua cozinha, ajudando a preparar o jantar.

Depois de comer, Robert e Francesca estão reunidos na mesa da cozinha. O assunto gira em torno das viagens de Robert e Francesca ri animadamente das aventuras do fotógrafo pelo mundo, até que a conversa adquire um tom mais sério. Francesca pergunta qual é o lugar mais interessante que visitou e ele responde que foi a África:

“É um outro mundo lá. Não só as culturas e as pessoas, mas, acima de tudo, o ar. As cores, do amanhecer ao pôr do sol. Há algo de mais concreto nisso tudo que é a coexistência entre homens e animais. Animais e animais. Quem vai sobreviver ou não. Não há nenhum juízo de valor. Não há uma moral imposta. É da maneira que deve ser. É lindo mesmo, não há nada parecido”.

Esse trecho da conversa indica o apreço de Robert pelo que é natural, pela liberdade de viver “*sem juízo de valor, sem moral imposta*”, o que confronta diretamente com o funcionamento patriarcal ao qual Francesca está submetida. Ela olha para ele admirada com a possibilidade de existir um lugar onde se pode viver naturalmente, sem tanta pressão das convenções.

A convivência harmoniosa dos homens com os animais pode também ser entendida como um contato saudável do ser humano com seu instinto, com seus desejos primitivos, com sua sexualidade. A fala do fotógrafo incomoda Francesca, parece mexer com suas crenças e seus valores. Ela fica pensativa.

Robert pergunta a Francesca por que não pede para seu marido levá-la para fazer um safári na África. Nesse momento é possível notar o quanto aquela

Francesca que existe na presença de Robert é distante daquela que vive com Richard naquela casa. Uma pergunta tão simples, um abismo tão grande. De repente toda risada vai embora e a cozinha parece ficar escura. Eles saem para passear pelo quintal e falam sobre as estrelas e poesia. Francesca fica incomodada e oferece um café ou um conhaque. De volta à cozinha, ele pergunta a Francesca se ela tem medo de estar fazendo algo errado. Como se pressentisse o perigo, rapidamente ela muda de assunto.

Mais relaxados com o conhaque, a conversa adquire um tom íntimo. Robert fala do seu divórcio e de como faz para não se sentir sozinho enquanto viaja pelo mundo. Fala que tem amigos por toda parte, que gosta de conhecer outras pessoas. Mais uma vez fala sobre desprendimento e liberdade, reclamando que o mundo tem muitas linhas divisórias. Ela o critica por ele conseguir viver sem uma família, sem pessoas para cuidar, só pensando nele mesmo: *Como se pode viver só pelo o que deseja? E as outras pessoas?* Ele afirma que cansou da ética familiar americana que hipnotiza as pessoas pregando que não se pode viver sem uma TV ou um fogão.

O clima fica tenso entre eles na medida em que o mundo oferecido por Robert de certa forma assusta Francesca, que reage de forma defensiva. Ela diz que é apenas uma dona de casa no meio do nada e que é simplória demais para entender tantos significados novos que ele traz. Robert se levanta para ir embora e diz que ela é uma grande mulher e está longe de ser simplória.

Robert é o que se pode chamar de mensageiro de Eros. Traz a possibilidade de se relacionar de maneira mais emotiva com o ambiente e as pessoas. Ele se seduz pela beleza de uma pequena cidade, viaja por lugares exóticos, conhece pessoas diferentes, observa as cores da natureza. A conversa sobre suas aventuras na África leva Francesca a viajar livremente e se emocionar com suas histórias.

5.2.3 - Francesca e Robert: o encontro

O processo de individuação não é um caminho fácil. Francesca tem um jeito de ser consolidado, tem certezas e valores estabelecidos, até a chegada de Robert, que vem abalar a visão que Francesca tem de si mesma e do mundo. Ela se sente atraída por ele e por toda novidade que ele representa na sua vida, mas tem medo

de atravessar a ponte e descobrir o mundo que existe do outro lado. A experiência do novo, do desconhecido, traz conflitos para o ego e gera insegurança. Francesca luta contra os símbolos trazidos pelo animus, que a atraem e a aterrorizam ao mesmo tempo. Jung menciona que o animus é um reformador que “não pertence à função de relação consciente; sua função é a de possibilitar a relação com o inconsciente” (OC 7/2:336).

A cidade onde Francesca vive é pequena e todas as pessoas se conhecem. A presença de Robert é imediatamente notada quando ele vai a um café. Todos parecem saber que a revista National Geographic enviou um fotógrafo para fazer uma reportagem sobre as pontes cobertas da região. Trata-se de um lugar conservador, no qual as pessoas controlam o comportamento umas das outras. Há um burburinho no café quando uma mulher chamada Lucy Redfield entra no local. Os comentários indicam que ela mantém um caso com um morador da cidade, que é casado, e isso é tido como uma conduta imperdoável da moça. Lucy sai do café sem conseguir pedir nada, diante do olhar de reprovação dos demais clientes e da própria atendente. Robert nota que é nessa cultura conservadora que está inserida Francesca e, para protegê-la do risco de ser hostilizada publicamente, pede que ela repense o convite para ir jantarem juntos novamente.

A influência dos aspectos coletivos é tão formadora do ego, quanto os aspectos pessoais. Um indivíduo está sempre tentando se equilibrar diante das demandas internas e das exigências externas. A história de Francesca se passa em 1965 e os valores da época, como se viu no capítulo de introdução deste trabalho, condenavam as relações extraconjugais de forma imperativa. As mulheres divorciadas eram apontadas na rua e a pílula anticoncepcional só havia sido inventada há cinco anos. Naquele contexto, viver um romance com Robert era um grande desafio para Francesca. Jung menciona que

Individuação e coletividade são um par de opostos, dois destinos divergentes. Encontram-se numa relação de mútua culpa. O indivíduo é obrigado, por exigência da coletividade, a comprar sua individuação através de uma obra equivalente em favor da sociedade. Enquanto isto for possível, também é possível a individuação. Quem não puder fazê-lo deve submeter-se à exigência direta da coletividade, isto é, às exigências da sociedade. (JUNG, 2011, OC 18/2:1099)

Francesca já havia decidido ouvir o chamado do Self quando voltou à ponte de madrugada para deixar o bilhete convidando Robert para jantar. Naquela primeira noite, depois que Robert jantou com ela, havia se sentado na varanda e sentido a brisa da noite. Ela abriu o robe, deixou o vento abraçar seu corpo. Talvez nem se lembrasse mais que tinha corpo, que ainda podia ser desejada. Depois olhou-se no espelho e ali parecia ter decidido que ia se abrir para a possibilidade de viver um romance com Robert, aceitando as consequências de sua escolha.

Quando recebe a chamada de Robert, que ao notar o conservadorismo da cidade, liga para tentar poupá-la do risco de ficar exposta, Francesca confirma que deseja vê-lo, sem se preocupar com um eventual julgamento das pessoas. Logo de manhã, ela já tinha ido comprar o vestido que usaria no jantar. Estava determinada a viver essa nova experiência.

No final da tarde, eles vão juntos à ponte Holliwell e ele tira algumas fotos dela. As mãos de Francesca se movimentam, ora mostrando e ora escondendo o rosto, como se a Francesca tímida e a sedutora se revezassem. A vergonha da dona-de-casa, em alternância com o recém despertado desejo da mulher. As fotos de Robert vão descobrindo Francesca, em todos os seus ângulos.

Eles voltam para a casa e ela oferece o seu banheiro para Robert tomar banho. Depois entra na banheira e fica imaginando como é erótico estar no mesmo lugar onde ele se banhou. Ela pensa que, de fato, tudo que diz respeito a Robert é erótico. Na verdade, o termo erótico, nesse caso, não se resume ao conteúdo sexual propriamente dito. Além de despertar a sexualidade de Francesca, Eros faz com que ela se reconecte com sua emotividade, a delicadeza, a beleza, o senso estético, o carinho, o amor, com sua própria alma.

Pelo que se nota no filme, Richard, o marido de Francesca, está longe de ser erótico. Eles mal se tocam quando ele se despede para ir viajar com as crianças. O mesmo distanciamento é notado quando o casal se reencontra, na volta da viagem. Richard e Francesca parecem ter um afeto fraternal, um cuidado de irmão e não de marido e mulher. Robert pergunta como é Richard e ela diz simplesmente: *“ele é limpo”*. Robert estranha: *Limpo, como assim limpo?* E Francesca complementa dizendo que ele é honesto, gentil, trabalhador, um bom pai.

O que seria ser limpo, como diz Francesca? Uma hipótese é que Richard “joga limpo”, ou seja, é um marido convencional, que cumpre seus deveres de marido, é fiel, provedor. Também se pode pensar em um marido asséptico, no

sentido de que tudo é muito claro e higienizado no relacionamento deles; não tem mistério, não tem muito calor e nem muito frio: é um casamento de temperatura controlada, sempre estável.

Assim como Richard, a cidade em que eles vivem é regular, sem charme. Não tem risco, não tem surpresas. Francesca explica:

“Se você vai à cidade pode deixar seu carro aberto, as crianças soltas, não tem com o que se preocupar. Tem um monte de coisa boa nas pessoas daqui e eu respeito essas qualidades mas... não é o que sonhei quando era menina.”

Na fala de Francesca pode-se notar que Richard e a cidade são parecidos: têm um monte de coisas boas, mas não são aquilo que Francesca sonhou quando era menina.

E Robert, ao contrário, parece ser uma síntese de tudo o que Francesca sonhou. Praticamente ele é o príncipe encantado que chega em um cavalo branco. É isso que diz a letra da música que eles dançam durante o jantar: *“Eu vejo seu rosto diante de mim, povoando cada sonho. Se você pudesse compartilhar a mágica, sim, se você pudesse me ver também (...) Não importa por onde você passou (...) Sim, eu conheci meu ideal quando conheci você.”* (tradução livre)²

Eles passam a noite juntos e dormem à beira da lareira. Mais uma vez o calor está presente, como símbolo do afeto, da sensualidade. Robert desperta o fogo de Francesca, a chama vital, a energia que ilumina a alma. Eles se beijam.

Em outra cena, os dois tomam banho juntos na banheira. Depois do fogo, a água morna do banho embala o casal. Eles estão imersos em comunhão, inundados pelo aconchego da água quente. Francesca narra a cena, mostrando como se sentia naquele momento. É fácil perceber que ela está completamente tomada por Robert:

“Eu tinha pensamentos sobre ele e não sabia o que fazer com eles. Acho que ele adivinhava cada um, o que eu sentisse, o que eu quisesse ele procurava atender. E naquele momento, tudo que eu sabia a meu respeito até então, sumira. Eu agia como alguma outra mulher. Contudo, nunca antes tinha sido tão eu mesma.”

² Original em inglês: *“I see your face before me, crowding my every dream. If you could share the magic, yes, if you could see me too(...) It doesnt matter where you’ve been (...) Yes, I met my ideal thing when I met you”*

Essa sensação de ser ela mesma é a conexão com sua própria alma, que o contato com o animus promove, e que contrasta com a mulher que ela pensava ser até então.

Dois dias se passam e eles se descobrem cada vez mais íntimos e apaixonados. Na penúltima noite juntos eles vão a um bar de jazz, que fica mais afastado da cidade. Francesca quer saber mais sobre a infância de Robert e ele diz que uma vida inteira não pode caber em quatro dias. E os dois ficam quietos, enquanto a música ao fundo dá o tom da despedida: *“Por tudo que eu sei, nós podemos nunca nos encontrar de novo. Antes de ir, faça com que esse momento seja doce de novo(...) Não diremos boa noite até o último minuto.”*(tradução livre)³

A última conversa do casal acontece na mesa grande da sala. O jantar tem um aspecto de formalidade que difere dos outros encontros na cozinha. As refeições na cozinha foram momentos de encontro e harmonia. Além de alimento para o corpo, a cozinha de Francesca também era o lugar de alimentar a alma. Fazer comida juntos implicava em parceria, companheirismo, sintonia, e isso agora estava sendo colocado à prova. A sala é o lugar de receber visitas, é o espaço mais social da casa. Parece que nesse momento o fato de Robert estar na sala já indica uma preparação para a quebra de intimidade, marca o início do afastamento dos dois. As velas acesas, em vez de romantismo, encham o ambiente de tristeza e luto.

Francesca desce a escada de casa com as duas malas que arrumou para partir. Eles não conseguem comer. Não tem música tocando, não há o que comemorar. Então Robert se dá conta de que Francesca não irá embora com ele, não conseguirá largar a família e a casa para acompanhá-lo pelo mundo.

Francesca alega que se ela partisse com o fotógrafo, a família não sobreviveria à fofoca da cidade. Que Richard não merecia um sofrimento daquela proporção e que os filhos eram muito novos para perder a mãe. É como se a traição de Francesca se equiparasse a uma morte real para os filhos e o marido. No contexto social de Francesca não havia espaço para atender uma demanda amorosa e ao mesmo tempo conviver com os filhos. Ela seria considerada praticamente uma criminosa se fosse viver com Robert.

Além do apego à vida que havia levado nos últimos vinte anos, que afinal era a sua própria vida, Francesca também pondera sobre a possibilidade de tudo

mudar quando o relacionamento deles também virar uma rotina. Durante os quatro dias em que estiveram juntos Robert havia sido tudo que ela tinha sonhado, mas não havia garantia de que esse sentimento não entraria em choque com a realidade. O que seria deles quando o príncipe e a princesa se tornassem apenas um homem e uma mulher comuns, sem a idealização que caracteriza os contos de fada? Era hora de recolher as projeções e falar seriamente sobre o futuro.

Francesca, tentando ser um pouco mais racional, diz:

“Não importa a distância que existir entre nós e essa casa, vou sempre carregá-la comigo. Vou senti-la quando estivermos juntos. Vou começar a culpar você pelo meu sofrimento. E então mesmo esses quatro maravilhosos dias vão parecer algo sórdido, um erro.”

E Robert, ainda busca convencer Francesca a ir com ele:

“Francesca, você acha que o que aconteceu conosco acontece com qualquer um? O que sentimos um pelo outro? Nós mal somos duas pessoas separadas nesse momento. Algumas pessoas buscam isso a vida toda e nunca encontram. Outros nem acreditam que isso exista. Você vai me dizer que isso é o certo? Desistir de tudo?”

Mas ela está irredutível. Mesmo tendo aceitado manter um romance com Robert, o que implicou em rever seus valores e trair o marido para vivenciar o verdadeiro amor, Francesca sente que perder sua família e abrir mão de todas as suas referências para ir embora com Robert é um passo impossível para ela.

O conflito de Francesca não inclui somente uma escolha amorosa entre Robert e Richard. Na verdade, é uma escolha entre as duas Francescas: a casada, estável, com filhos, vizinhos e afazeres domésticos e a outra Francesca que é amante de Robert, viva, intensa, mas cujo futuro é totalmente desconhecido. A vida que ela leva com o marido e os filhos preenche Francesca com os detalhes do dia-a-dia. E ela quer guardar Robert em um altar dentro dela mesma, como um tesouro escondido, protegido das mazelas cotidianas:

“Eu quero ficar com esse amor para sempre. Quero amá-lo do jeito que amo agora a vida toda. Entretanto se formos embora perdemos tudo. Não tenho como fazer uma vida inteira desaparecer para começar uma outra nova. Só me resta tentar me agarrar a nós em algum lugar dentro de mim e você tem que me ajudar, Robert.”

³ Original em inglês: “For all we know we may never meet again. Before you go make this moment sweet again (...) We won’t say goodnight until the last minute.”

Robert ainda pede que ela pense um pouco mais, avisa que ainda ficará uns dias na cidade, aguardando ela mudar de opinião. Mas Francesca não o procura mais. A família volta e ela se distrai fazendo o serviço da casa. Ela está triste mas ninguém da família parece notar. Sente-se agradecida por ter sua antiga vida restaurada, mesmo pensando muito nos quatro dias que viveu com Robert. Sua atenção com os afazeres domésticos faz com que ela volte a se acostumar com a vida dentro dos trilhos, ordenada, disciplinada.

5.2.4 - De volta ao casamento

Francesca parece entender que Robert cumpriu sua missão de representar o animus ao fazer sua alma renascer, ao conectá-la com aquilo que era mais essencial nela. O conhecimento de si mesma despertado por Robert foi integrado à sua consciência e permanecerá com ela, independentemente da presença física do fotógrafo ao seu lado. Ela quis manter a memória de sua história de amor, sem deixar que a realidade tirasse a beleza dos seus quatro dias de paixão. A crença de Francesca no sentido de que o relacionamento não sobreviveria ao desgaste da vida diária é compartilhada por Sanford (2002) e, segundo o autor, por todos os grandes poetas:

O relacionamento entre pessoas apaixonadas simplesmente não resiste, quando submetido à prova ou teste da realidade de um relacionamento humano verdadeiro; ele só consegue sobreviver no mundo da fantasia, em que o relacionamento não é testado no desgaste cotidiano da vida real. (...) Foi por isso que o relacionamento de Romeu e Julieta teve que terminar com a morte. Seria inadmissível para Shakespeare ter que concluir sua grande estória de amor mandando seu casal de amantes até uma loja da Sears para comprar panelas para a cozinha deles. Num instante eles estariam brigando por causa da frigideira(...) (SANFORD, 2002, p.28)

Dias depois Francesca e o marido vão para a cidade fazer compras. Ela está sentada no carro quando vê Robert em pé, no meio da rua, embaixo de uma forte chuva, olhando para ela. Seu marido entra no carro e, sem saber, interrompe a troca de olhares. Os dois veículos seguem na mesma direção e Francesca, que está no carro de trás, vê Robert mexer no porta-luvas. De lá ele tira o medalhão que ganhou de Francesca e o pendura no espelho retrovisor. Vendo o gesto de Robert, ela faz

menção de abrir o trinco da porta, mas seu marido buzina e o carro da frente liga a seta para a esquerda, deixando Francesca com lágrimas nos olhos.

No início do filme, antes de decidir deixar o bilhete para Robert na ponte, Francesca se olha demoradamente no espelho, como se naquele momento, tivesse tendo consciência do quanto havia se esquecido dela no casamento com Richard. Ela se olha e se permite viver um romance com Robert. Agora o mesmo espelho aparece e quando Robert enrola o medalhão que ganhou de Francesca nele, parece estar dizendo para ela se lembrar de pensar nela mesma, para Francesca pensar nas próprias necessidades e escolher ir embora com ele. Mas Francesca não consegue descer do carro do marido e escolhe ficar com a família.

É interessante pensar que nessa cena, em meio ao “dilúvio”, Francesca permaneça protegida na “caminhonete/arca” do marido. Ela escolhe ficarr no seu habitat natural e preservar a espécie, voltando para cuidar dos filhos e do marido. Sair no meio da tempestade ao encontro de Robert poderia significar se afogar nos sentimentos e nas emoções, e deixar seu coração ser levado pela correnteza, sabe-se lá para onde.

O filme não dá mais informações sobre mudanças no casamento de Francesca após o caso que ela teve com Robert. Aparentemente, ela não contou ao marido sobre sua relação com Robert. Tudo ficou igual na casa da família Johnson e Francesca cuidou do marido até sua morte, que aconteceu dezessete anos depois da partida de Robert. Os filhos cresceram e saíram de casa.

Depois de Robert, Francesca ficou muito amiga de Lucy Redfield e dizia que estar com ela fazia com que se sentisse mais segura para pensar no fotógrafo e continuar a amá-lo à distância. A cidade adorava falar mal de Francesca e Lucy, mas elas não ligavam. Talvez essa seja a maior mudança que a relação com Robert trouxe para Francesca, uma abertura para entender o sofrimento do outro, afrouxando os rígidos padrões patriarcais vigentes na cidade onde morava. Já que não conseguiu seguir com Robert, pelo menos, Francesca pôde entender as dificuldades de Lucy, que era hostilizada pela coletividade por ser amante de um homem casado.

Ter vivido um amor tão intenso, mesmo estando casada, fez com que Francesca mudasse o jeito de olhar a cidade e as pessoas. Quando decide apoiar Lucy e ter sua imagem publicamente associada a alguém que a população condena é um modo indireto de se expor e dizer que não concorda com os valores vigentes.

Mesmo sem saber se a história com Robert transformou Francesca no âmbito da família, porque o filme não mostra a rotina do casal após a infidelidade, a experiência com Robert fez com que alguma mudança tenha ocorrido no campo das relações dela com a sociedade. Além disso, é interessante o fato de que o marido de Francesca continuou apoiando a esposa, mesmo diante do falatório da cidade, talvez reconhecendo nela a mulher “longe de ser simplória”, como Robert havia notado.

Francesca não demonstra ter se sentido culpada pela traição ao marido porque, antes de qualquer julgamento, ela parecia ter consciência de que havia sido fiel a ela mesma. O tempo todo ela pareceu segura de sua decisão de que atender ao seu desejo, naquele momento, era essencial para ela. Se tivesse sido fiel ao marido, teria sido infiel aos próprios sentimentos: de qualquer forma, o encontro com Robert provocaria uma infidelidade. Carotenuto menciona que a traição é inevitável no curso da vida e que a verdade interior deve ser respeitada no caminho da individuação:

Desviar-se desse caminho, que é único e irreduzível, da individualidade significa tornar-se artífice ativo de uma traição e entregar-se como covarde ao poder da “civilização” que nos circunda, aos seus modelos, aos seus valores, sem verificá-los pessoalmente. (CAROTENUTO, 2011, p.49)

E, nesse ponto, Francesca foi verificar pessoalmente o chamado para a individuação. Não ficou com Robert mas passou pela experiência de se entregar ao amor. O sacrifício que ela fez ao deixar Robert partir sozinho, para preservar a unidade familiar, pode ter feito com que a troca parecesse justa em sua consciência: ela aguentou uma vida pacata ao lado do marido mas pôde preservar seu tesouro interno, representado pelas lembranças dos seus quatro dias com Robert.

Encerrando seu diário, Francesca diz que, se não fosse por ter vivido o amor com Robert, ela não teria conseguido suportar a vida na fazenda todos esses anos. Isso significa que a chama do amor que queimava por Robert, dentro de Francesca, produziu calor suficiente para que ela se mantivesse aquecida por toda vida, a despeito da frieza do seu casamento. A experiência com Robert fez com que Francesca conhecesse o amor, descobrisse sua sexualidade, despertasse seus aspectos femininos.

De forma que, é inegável que a traição trouxe consciência para Francesca, mas essa descoberta não foi compartilhada, nem com o marido e nem com a coletividade, e talvez por este motivo, não tenha trazido maiores transformações para a vida do casal. Carotenuto (2011) menciona um tipo de casamento que não comporta as individualidades dos parceiros, sem prejuízo para o aprofundamento da relação psicológica. Em suas palavras:

Se o matrimônio representa apenas o expediente mágico para a negação da realidade da separação ou da realidade da diferença radical que nos constitui como indivíduos, nunca abrigará uma relação psicológica. (CAROTENUTO, 2011, p.110)

É como se Francesca tivesse se conformado com a condição de viúva de Robert e tivesse com Richard apenas uma relação de cuidado fraternal, em que não é possível ter crescimento psíquico. O seu parceiro de vida parecia ser Robert, mas quando ela o deixou partir, optou por viver pela metade, cumprindo as obrigações assumidas no contrato de casamento. É isso que mostra a cena em que o Richard, no leito de morte, agradece e se desculpa com Francesca por ela ter aberto mão de seus sonhos para se dedicar a ele.

O conceito de casamento como uma escolha de bem-estar, como parece ser a união de Francesca e Richard, é abordado por Guggenbühl-Craig (1980). Para o autor, a sensação de bem-estar está relacionada com “a sensação física de conforto, relaxamento e prazer” e também inclui “suficiente alimento, proteção dos elementos, ausência de ansiedade sobre a própria existência”, além de um “sentimento de pertencer a um grupo e ter um certo prestígio dentro dele”. (p.31) Este modelo de casamento de bem-estar se confronta com o processo de individuação, no qual a tensão e as transformações estão sempre presentes.

Francesca escolheu o conforto do casamento de bem-estar, mas isto não significa que não tenha ampliado sua consciência no sentido de perceber o quanto seu casamento estava estagnado. Embora se sentisse tentada a ir em busca de sua individuação, escolheu ficar e evitar os conflitos que certamente sua decisão provocaria nela, na família e na coletividade. Com isso também perdeu a possibilidade de expandir seus horizontes, viajar, viver um amor verdadeiro e intenso, mas que poderia trazer medo, insegurança, dúvidas, instabilidade. Guggenbühl-Craig menciona que o processo de individuação difere da busca de bem-estar:

Falamos de individuação em psicologia junguiana, que necessariamente não se refere a saúde mental, bem-estar e sensação de felicidade. Individuação envolve a luta de uma pessoa para achar seu próprio caminho de salvação. (GUGGENBÜHL-CRAIG,1980, p.34).

E no final, é interessante pensar no pedido para que seu corpo fosse cremado. A história que começou com Robert chegando e levantando a poeira da estrada, Francesca tirando o pó do tapete, o calor do sol na ponte, o fogo da lareira, as chamas das velas e enfim a cremação, com as cinzas de tudo que o fogo queimou. As cinzas são uma substância que não pode mais sofrer decomposição. As cinzas libertam o corpo e a alma, em um ciclo interminável: “do pó vieste, ao pó retornarás”. É a imagem do uroboros que integra início e fim, e permite um eterno recomeço, uma constante renovação. Como a fênix, que renasce das cinzas, é possível imaginar que Francesca e Robert podem se encontrar em outra dimensão e recomeçar seu amor.

Mesmo que a história de Francesca e Robert não tenha sido construtiva para transformar o casamento com Richard, os diários fazem com que as escolhas de Francesca surtam efeitos em seus filhos. Michael, que no início não conseguia entender como a mãe podia ter se apaixonado por outro homem, questiona a esposa perguntando se ela é feliz com ele. Carolyn identifica-se com o sofrimento da mãe e decide encerrar seu casamento que já não era uma relação de amor. O objetivo de Francesca, ao abrir mão de Robert em troca da felicidade dos filhos estava se realizando, mesmo depois de sua morte.

No caminho de individuação de Francesca também era muito importante ser uma boa mãe e, assim, a escolha de ficar com o marido se justificava para que ela pudesse exercer a maternidade de forma plena. Michael e Carolyn buscariam ser felizes por terem conhecido a história de amor da mãe e também para honrar o sacrifício que Francesca fez por eles.

6 - Filme “Os Belos Dias”

6.1 – Resumo



Dentista, aos 60 anos, Caroline acaba de se aposentar. É casada com Philippe e tem duas filhas, de 32 e 34 anos, e três netos. Há cinco meses perdeu sua melhor amiga, Anne, com câncer de mama. A história começa quando Caroline ganha de uma de suas filhas a matrícula em um clube para idosos, onde se realizam atividades diversas, tais como: aulas de teatro, informática, cerâmica e yoga. A família se mostra preocupada com o estado emocional de Caroline e está mobilizada para ajudá-la a se sentir melhor. Mesmo sem gostar da ideia de frequentar o clube, Caroline decide ir conhecê-lo e, ao acaso, entra na aula de teatro. A professora propõe exercícios de aquecimento vocal e faz algumas perguntas a Caroline, pedindo que ela se apresente à turma. Ela só consegue dizer que era dentista e não se sente à vontade para interagir com a turma.

Em casa, diz ao marido que não voltará mais na “casa de repouso” porque se sentiu humilhada. Philippe e Caroline estão tentando resolver um problema no computador e, como não conseguem, o marido sugere a Caroline que frequente pelo menos as aulas de informática do clube, aproveitando o presente da filha.

Caroline passa a frequentar o clube mais vezes e se envolve com o professor de informática, Julién. Nos passeios com a turma, as conversas do grupo giram em torno das dificuldades do envelhecimento e Caroline vai se aproximando aos poucos. Com a família, por outro lado, ela parece ficar entediada com antigos amigos e observa as filhas e netos com um olhar distante.

No clube, entre uma atividade e outra, Caroline e Julién têm encontros quentes. Frequentemente, ela fica insegura com a diferença de idade entre eles, já que Julién tem apenas 35 anos.



Além disso, o professor é um conquistador contumaz e mantém várias namoradas ao mesmo tempo. O romance entre os dois começa a chamar a atenção dos amigos do clube, que percebem os encontros furtivos e as trocas de olhares. Ela é admirada pelas colegas do clube, que se divertem pelo fato de Caroline ter conseguido conquistar um homem jovem e bonito.

Um dia, ao chegar em casa, Philippe está doente e ela lhe serve um chá com mel. Começam a conversar e ela sugere que eles façam uma viagem. O marido diz a Caroline que sabe que ela tem um amante e se queixa por ela não ter sido mais discreta. Ela fica totalmente sem jeito e Philippe afirma que ela deveria se olhar no espelho antes de se envolver com um homem de 35 anos.

Caroline procura Julién para contar que o marido descobriu o caso deles. Julién deixa claro que sua função é ser apenas uma diversão e que não se interessa pelo estado emocional das mulheres que entram e saem da sua vida. Ela fica chateada e decide terminar seu romance com Julién. Logo o professor se arrepende e pede desculpas à Caroline, que o convida para passar um final de semana na Islândia. No caminho para o aeroporto, Caroline e Julién conversam e fica evidente a diferença de gostos entre eles. Como o voo está atrasado, Julién conversa animadamente com uma morena no portão de embarque. Enquanto isso, Caroline conversa com uma senhora sobre o passeio que fez com o amor de sua vida para Islândia. Caroline desiste de viajar, oferecendo o passeio para ele e a moça irem juntos. Julién fica surpreso mas aceita a proposta de Caroline.

De um hotel simples, Caroline liga para Philippe, que vai ao encontro dela. Eles ficam trancados do lado de fora do quarto do hotel. Está frio e os dois voltam para casa de carona, abraçados na caçamba do veículo.

O filme acaba com um encontro na praia. Caroline, o marido e os colegas do clube “Os Belos Dias” estão se preparando para entrar no mar. Philippe diz que, embora tenha medo, vai entrar no mar e vai levar Caroline com ele. Entre abraços e beijos, Philippe puxa Caroline e os dois caem no mar de roupa.



6.2 - Análise

6.2.1 – Conhecendo Caroline

Em casa, Caroline olha demoradamente o reflexo de seu rosto no espelho, antes de sair dirigindo seu carro vermelho pelo litoral de uma cidade qualquer da França. Ela aguarda na entrada de uma ponte pênsil e vê as duas cancelas se abrirem à sua frente. Está indo conhecer um clube de convivência para idosos chamado “Os Belos Dias”.

A situação vivida por Caroline é apresentada nessa primeira cena. A hesitação ao atravessar a ponte demonstra a vivência de transição entre a recém-encerrada atividade profissional e a proposta de ocupar seu tempo livre no clube de idosos que parece pouco atraente aos olhos de Caroline. A rua está deserta, como Caroline pensa ser deserto seu futuro após a aposentadoria. E ela para por um segundo, mas as duas cancelas se abrem rápido e não lhe resta outra alternativa senão seguir em frente e conhecer o clube para idosos.

A ponte liga um lado ao outro, mas tem um vazio no meio que deve ser superado. Para Caroline, pode significar a ligação com ela mesma, com seu inconsciente, mas que, para ser ultrapassada, vai obrigar Caroline a se deparar com seu vazio, com seus abismos. Ela passa por algumas pontes até chegar ao clube.

Guggenbühl-Craig (1980) afirma que as transições são sempre difíceis. Segundo o autor, a mulher contemporânea tem muito mais possibilidades arquetípicas que no passado. Isso significa que uma mulher não precisa se restringir à experiência de vivenciar o arquétipo da Grande-mãe, por exemplo. Hoje é possível que, além de mãe, a mulher possa desenvolver o lado heroico, ser companheira, amante, aventureira, intelectual, entre outros aspectos arquetípicos. Mas é inevitável que a transição de um arquétipo a outro possa causar angústia e depressão, até que a nova situação seja elaborada e a consciência ampliada. Diante disso tem-se uma alternância de experiências arquetípicas ao longo da vida. Por exemplo, durante a adolescência o arquétipo do *puer* regride para dar lugar ao adulto e assim sucessivamente. É o que explica Guggenbühl-Craig :

Por volta dos cinquenta anos esse (o arquétipo do adulto) começa a ser suprimido pelo arquétipo do “SENEX”. Quando um dos arquétipos se separa do outro há, na vida do indivíduo, a chamada

“depressão de transição”. São bem conhecidas as depressões que ocorrem durante a puberdade e no período entre quarenta e cinco e cinquenta e cinco anos. (aspas do autor) (GUGGENBÜL-CRAIG,1980, p.65)

Caroline parece estar vivendo essa “depressão de transição”, aos sessenta anos, desencadeada pela aposentadoria e pela perda da amiga, que traz a necessidade de buscar novas possibilidades de se relacionar com ela mesma e com o mundo.

Ao entrar no clube, Caroline fica visivelmente irritada com a jovem recepcionista que pede para ela trazer foto e atestado médico. Responde secamente que só foi conhecer o local e não sabe se vai ficar. O incômodo de Caroline é evidente mas, mesmo assim, ela caminha em direção a uma sala onde está acontecendo uma aula de teatro. Caroline é uma mulher muito elegante, está vestida de saia social e usa salto alto. Seus cabelos loiros presos em um coque conferem a ela um ar clássico que destoa dos idosos que jogam pingue-pongue perto da recepção do clube.

O atestado médico, a foto, o espelho. Tudo parece remeter ao tema do envelhecimento. A expressão facial de Caroline traz uma mistura de estranhamento e negação. Ela não se conforma de estar na mesma situação de todos aqueles idosos, ela não se identifica, é muito diferente daquelas pessoas. Em contrapartida, também não é jovem, não pode mais trabalhar, não se sente útil. Ela não pertence àquele lugar; não vai levar a foto, não vai fazer parte daquele clube.

Lydia, a professora de teatro, se dirige aos alunos com um tom infantilizado: “*Vamos lá, meninos, relaxem!*”. Pede para que eles balancem as mãos e depois propõe um exercício de fazer movimentos com a língua, enquanto andam em círculos. Caroline não gosta da proposta e fica só observando o grupo, até que todos se deitam para fazer um exercício e ela se destaca por permanecer em pé, com a postura ereta e uma expressão de desagravo.

A professora diz que o trabalho de ator é baseado na exposição e insiste para Caroline se apresentar, o que ela responde com a voz baixa e firme: “*Desculpe, mas não sou atriz. Eu sou dentista... quer dizer, eu era*”. Sem se importar com o desconforto de Caroline, Lydia chama a atenção da classe para a postura corporal dela, que se mantém sentada com as pernas bem juntas e as mãos no colo: “*Viram a perna direita dela batendo no chão? Viram?*” e fala: “*Continue, Caroline, mas sem*

enrolar! Não se desculpe por ser bonita, por ser quem você é. Pode se abrir.” Seu olhar é incrédulo quando a professora pede para que ela ria, de maneira teatral: *“Encontre sua risada, procure com sinceridade”*. Caroline fixa o olhar na professora e emite um sorriso irônico. Lydia não desiste: *“Queremos ver sua singularidade, vamos lá... ousadia!”* Caroline ri debochadamente, e a professora a critica dizendo que ela parece estar cantando. Caroline se levanta e de maneira firme diz: *“Chega!”*. Recolhe seus pertences e sai da sala sob o olhar espantado dos alunos.

De volta à casa, Caroline lê na varanda enquanto aguarda seu marido chegar. Philippe, de terno e gravata, está chegando do trabalho e pergunta a Caroline se ela está bem. Quando ela responde que fez teatro, ele se apressa em elogiar a filha por ter presenteado Caroline com a matrícula no clube. *“Essas meninas têm ideias ótimas. Você vai fazer novos amigos, arejar a cabeça”*. Ela olha séria para Philippe e diz: *“Eu fui humilhada por uma professorinha de 30 anos”*. E o marido, sem perder a chance de debochar de Caroline diz: *“Merda... e eu perdi essa?”*

Caroline decide que não voltará mais ao clube.

O comentário do marido dá pistas sobre Caroline. Ao dizer que gostaria de ter visto a esposa na aula de teatro, pode-se imaginar que essa seria uma rara oportunidade de ver Caroline perdendo a altivez. O ego de Caroline parece ter se identificado com a persona da dentista bem-sucedida e, mesmo diante da família, Caroline não relaxa, não consegue tirar a capa de proteção do ego. Nota-se que ela é uma mulher forte, que não aceita ser confrontada. Perder a persona de dentista faz com que Caroline tenha a sensação de ter perdido a identidade. Quando responde à professora de teatro, ela parece querer dizer: *“eu era dentista, agora não sou nada e só por isso estou aqui”*. Caroline não enxerga razão para rir e nem se sente à vontade para expor sua singularidade diante de um bando de desconhecidos.

Para uma mulher como Caroline, as tarefas cotidianas como cozinhar, cuidar da casa ou dos netos são ofensivas à sua capacidade intelectual. Ela se recusa a frequentar o clube para preencher seu tempo porque parece pensar que é melhor que as mulheres de lá. É uma forma de rejeitar o envelhecimento, projetando-o nos outros. Os idosos do clube parecem ridículos porque ela mesma se sente ridícula diante dos sinais da idade, mas não aceita.

Caroline se desligou da clínica porque discutiu com a sócia mais jovem. A personalidade autoritária de Caroline fica bem demonstrada nesse episódio. Ela tinha uma cliente que foi ao consultório pela terceira vez, em um mesmo mês, pedir para fazer branqueamento. Caroline então perdeu a paciência e xingou a mulher de cretina, histérica e mal comida na frente de todos. Disse que era dentista e não pintora de paredes. A sócia ficou ao lado da cliente e Caroline saiu da sociedade e decidiu não clinicar mais.

É possível perceber como Caroline fica muito descontrolada com a vaidade de sua cliente, como se o fato de a mulher ser vaidosa agredisse a dentista. Esse descontrole exagerado pode ser uma típica manifestação da sombra de Caroline, que projeta na cliente um conteúdo que inconscientemente não aceita nela mesma: o interesse pela estética, pela beleza, que confronta com sua persona intelectual.

Caroline está com a alma machucada e não consegue valorizar seus aspectos Yin, os traços femininos como a delicadeza, a passividade, o acolhimento. Ao contrário, Caroline está identificada com seu animus, os aspectos Yang, que são masculinos, agressivos, competitivos, racionais. O contato com o feminino da paciente faz Caroline se desequilibrar: ela é uma profissional técnica e não uma pintora de paredes. Nesse sentido, Stein (2005) explica que a integração entre sombra e persona depende da aceitação de

partes de nós mesmos que não pertencem à imagem da persona, a qual é usualmente a imagem de um ideal ou, pelo menos, de uma norma cultural. Os aspectos pessoais de que nos envergonhamos são sentidos, com frequência, como radicalmente malignos. (STEIN, 2005, P.112)

Embora o material da sombra não seja propriamente maligno ou negativo, como ele está em desacordo com a persona, é visto como tal. Assim como a vaidade da cliente, a juventude também incomoda Caroline, que torce o nariz para a atendente do clube, para a professora de teatro, para a sócia dentista, enfim, para qualquer pessoa que apresente a juventude que ela não tem.

Caroline, identificada com a rigidez de sua persona, imagina que não tem mais tempo ou não pode se aproveitar de qualquer aspecto jovial, e por isso desqualifica as pessoas que são jovens e os idosos que se conformam com o envelhecimento ou que conseguem manter um traço de jovialidade.

Sentada nos degraus mais altos da escada de sua casa, sem ser notada, fica assistindo suas filhas falando a respeito dela com o pai:

“Filha 1: Esse clube é uma besteira.

Filha 2: O que você sugere? Uma corda? Prozac?

Filha 1: Ela nem retocou o cabelo.

Marido: Ela perdeu a melhor amiga há seis meses e parou de trabalhar há três! Vocês acham que sua mãe ia começar a fazer cerâmica e ir a chás dançantes?

Filha 1: Vou ligar a TV porque é hora dos desenhos das crianças

Filha 2: Ela vai fazer novas amigas lá.

Marido: Deixem sua mãe em paz!

Filha1: Pai, você olha ele um segundo?

Filha2: Não, tango é muito brega! Tem pilates, yoga, workshop de vídeos, dá para preencher o tempo.

Filha 1: Posso pedir para ela fazer o vestido de fada da Sidonie para ela passar o tempo.

Marido: Precisa desmanchar o caramanchão do jardim...

Filha 2: Mas isso é trabalho seu, pai!”

Esse diálogo sobre Caroline parece inverter os papéis: as filhas tentam encontrar soluções para a tristeza da mãe, como se Caroline fosse uma criança que precisa ser orientada. O marido até pondera: *“Deixem sua mãe em paz!”* mas elas não escutam. Caroline se levanta da escada e fala simplesmente: *“Cinco meses!”* Os três se entreolham e ela repete: *“Faz cinco meses que Anna morreu e não seis!”* É fácil perceber que as sugestões da família destoam bastante do perfil dela. Não é porque se aposentou que Caroline vai se transformar em uma senhorinha dedicada a costurar para os netos. De fato, Caroline está sofrendo muito com a perda da amiga, provavelmente alguém com quem ela se identificava, e que foi vítima de um câncer de mama. Anna tinha a idade dela e, assim como a amiga, Caroline poderia ter adoecido também. O contato com sua própria fragilidade e a consciência da finitude provavelmente deixaram Caroline muito assustada. Mas um ego rígido, como o de Caroline, não permite que tais fraquezas venham à tona e transpareçam na persona.

Em outra cena, Caroline revela que se sente culpada por não ter ficado mais tempo ao lado da amiga durante seu tratamento. Com seu funcionamento mais patriarcal, preferiu cumprir suas obrigações profissionais a parar tudo para cuidar de Anna. Na verdade, talvez Caroline não pudesse mesmo se aprofundar no cuidado da amiga porque não conseguia entrar em contato com suas emoções, com seus

sentimentos. De alguma forma, a dedicação ao trabalho parecia proteger Caroline de perceber sua própria fragilidade diante do adoecimento da amiga.

Para escapar da pressão familiar, Caroline volta ao clube. Numa aula de cerâmica, enquanto a colega tenta confeccionar uma jarra com copinhos, Caroline decide fazer um cinzeiro. A professora passa por ela e pergunta se está tudo bem e ela responde: *“Não fale comigo como se eu tivesse três anos de idade!”* Essa cena novamente demonstra a dificuldade de Caroline em receber ajuda. É como se qualquer tentativa de acolhimento fizesse com que ela se sentisse criança, desvalorizada, diminuída em sua racionalidade. Mesmo que as pessoas não tivessem intenção de desqualificá-la oferecendo ajuda, ela se sente humilhada ao precisar do outro para aprender alguma atividade manual.

A escolha de Caroline ao fazer um cinzeiro é interessante, faz menção ao que já queimou, ao fogo que se apagou, às cinzas de uma vida que já se foi. Pelo menos é uma peça útil, bem ao estilo de Caroline. Quando sai da aula toda suja de lama, encontra Julién, que a conduz rapidamente para o elevador e começa a brincar com ela, dizendo que deixou vários recados no celular dela, alguns até mal-educados. E Caroline, que está se arrumando no espelho, demora para notar a brincadeira, mesmo porque nem tinha dado seu número para Julién. Eles vão para um depósito e ela pede para Julién apagar a luz porque não quer que ele a veja nua.

Saindo de lá, Caroline anda descalça à beira do mar e sorri ao ver um casal brincando na praia. Os pés descalços na areia e as mãos sujas de cerâmica podem indicar um início de contato com a realidade mais primitiva, e menos intelectual, portanto, em um ligeiro afrouxamento da persona de Caroline. Ela se permite andar descalça na areia e se sujar com a cerâmica.

6.2.2 - O casamento de Caroline: Philippe

Philippe, o marido de Caroline, parece gostar muito dela e entende que ela está passando por um período difícil. Pelo jeito de Caroline, sua personalidade forte nunca foi um empecílio para que ela e Philippe se entendessem ao longo do casamento. Quando ela diz que não vai pisar mais no clube, calmamente ele responde que eles podem inventar uma desculpa e cancelar a matrícula. É legítimo

o interesse dele em ajudá-la, mas Caroline está tão descontente com ela mesma que sequer nota as boas intenções do marido.

Aparentemente, Philippe tem a mesma idade de Caroline mas continua trabalhando e, de certa forma, ela tem raiva dele por isso. Ele não se sente tão velho como ela e está feliz com a vida que leva. Durante uma discussão, ele chega a dizer que não tem culpa se ela brigou com a sócia na clínica e precisou se aposentar.

Mesmo que o casamento tenha sido saudável até Caroline se aposentar, no momento em que o filme se inicia, o casal parece estar vivendo uma instabilidade motivada pelas transformações de Caroline. Ela está muito incomodada com a suposta falta do que fazer, com as questões do envelhecimento, e também está de luto pela morte da melhor amiga. Há um evidente descompasso entre Philippe e Caroline. Ela sofrendo com as perdas recentes e ele, embora compreensivo, tocando a vida em frente. É possível que Caroline esteja se sentindo solitária, abandonada.

E Caroline não aparenta ser do tipo que pede ajuda, que aceita colo, nem do marido e nem das filhas. Durante o filme, não se vê Caroline chorando ou demonstrando sofrimento. Ela tem dificuldade em entrar em contato com suas emoções. No máximo, nota-se uma ponta de tristeza nos comentários irônicos que Caroline faz a respeito dela mesma, quando fala do excesso de tempo livre ou critica os outros idosos.

Na cena em que Caroline e Philippe tentam ligar a internet no computador de casa, os dois estão igualados na falta de habilidade com o mundo moderno. Nenhum dos dois sabe lidar com a tecnologia, com a novidade da informática. A internet e o computador são símbolos de um campo desconhecido que eles precisam explorar. O marido vira para Caroline e diz: *Não temos escolha, precisamos de um técnico. Não tem aulas de informática no seu clube?* Ela então concorda em voltar para o clube apenas para aprender a lidar com o computador. Caroline é estimulada pelo marido a buscar aprender coisas novas, a se abrir para uma nova experiência. Tem algo faltando nesse casamento. A conexão com a internet também implica em conectar-se ao mundo moderno, comunicar-se de modo mais efetivo.

Parisi (2012) menciona os problemas de um casamento que atinge um estágio denominado simbiose, que se assemelha à participação mística presente nos estados primordiais da vida. É uma relação em que um parceiro preenche todas

as necessidades do outro e o casal se relaciona como se fossem duas metades que não têm valor isoladamente, precisam um do outro para se sentirem inteiros. O problema ocorre quando um dos parceiros se transforma e o outro não consegue mais manter a sintonia. No caso de Caroline, a crise pela qual está passando faz com que ela precise rever sua forma de viver, seus valores, seu papel no mundo. A transformação de Caroline certamente vai alterar a dinâmica do casal. Isso acontece em algumas fases de transição, ao longo da vida, como explica a autora:

A crise da meia-idade traz para a pessoa os confrontos necessários à integração de aspectos que foram negligenciados e, até então, dissociados de sua personalidade. Há um movimento da psique em direção à totalidade por meio da integração de conteúdos conscientes e inconscientes da personalidade. (PARISI, 2012, p.95)

O descompasso do casal Caroline e Philippe é observado na cena em que eles vão receber amigos para jantar. O marido está saindo para trabalhar e lembra Caroline que eles terão visitas à noite, chamando atenção para o fato de o amigo não pode comer sal e gordura. Philippe pede que Caroline avise sobre o cardápio para que ele possa levar o vinho correto para acompanhar a refeição. Comenta também que convidou uma neuropsiquiatra que tem um projeto incrível com idosos e está procurando uma dentista. Caroline não gosta muito da ideia, mas o marido diz que é sempre bom ampliar o grupo de amigos.

Depois de surpreender Julién agarrando a professora de teatro, Caroline passa a tarde degustando vinho com o pessoal do clube. A caminho de casa, Caroline para em um quiosque de praia e leva nove pizzas para o jantar. Philippe fica bem decepcionado, mas ela parece nem se importar. Com os amigos à mesa, Caroline continua bebendo bastante e não consegue prestar atenção na conversa. O casal vai até cozinha e Philippe reclama que não consegue se sentir confortável servindo vinho com linguiça para os amigos de tantos anos e volta à sala de jantar. Ainda na cozinha, Caroline vê recado de Julién no celular, fornecendo a senha da porta da casa dele. Sem pensar duas vezes, Caroline volta à sala e inventa uma desculpa sobre socorrer uma amiga deprimida e se despede do grupo. O marido, todo sem jeito, ainda pergunta se ela se sente bem para dirigir, mas ela nem responde e sai correndo carregando uma garrafa de vinho embaixo do braço.

No dia seguinte Caroline acorda e passa pela varanda de camisola azul, em direção ao balanço do jardim. Philippe diz para ela descer porque o balanço pode

não aguentar seu peso e Caroline pergunta se “*está escrito que é proibido para velhas?*” O marido busca ser cuidadoso com Caroline mas demonstra seu descontentamento, talvez numa tentativa de restaurar o equilíbrio do casal. Caroline parece querer viver seu momento de rebeldia sem interferências. Como adolescente apaixonada, ela só tem olhos para Julién.

A ideia de ir brincar no balanço de camisola é uma atitude pueril, brincalhona, que causa estranhamento no marido. Talvez Philippe se incomode com a leveza de Caroline e não consiga mesmo ver graça na situação. Enquanto Philippe começa a parecer mais velho, Caroline está se sentindo cada vez mais jovem.

6.2.3 – Julién, a paixão adolescente

O primeiro contato de Caroline com Julién acontece na aula de informática. A aula tem como tema a criação de uma companhia aérea por parte dos alunos. A viagem, a conexão com o mundo representada pela companhia aérea, pode significar os novos caminhos emocionais que Caroline terá que percorrer para entender suas novas possibilidades de estar no mundo. Depois de se aposentar, que novas fronteiras Caroline pode ultrapassar, para onde deseja caminhar? Viagem traz o tema da transformação, a ideia de mudança.

Caroline faz pouco caso da oferta de ajuda de Julién, dizendo: “*Só vim porque quero aprender a resolver um problema na minha internet.*” Para ela parece ser difícil admitir que está ali para aprender, assim como todos os outros idosos. A humildade não é um traço característico de Caroline. Julién se aproxima e dá umas dicas sobre conectar os cabos para fazer a internet da casa dela funcionar. Mais uma vez aparece para Caroline a necessidade de se conectar a algo. Julién aconselha Caroline a desligar tudo e ligar de novo. É como se, na casa de Caroline, fosse preciso reparar a conexão, inventar um outro jeito de se comunicar, começar tudo outra vez. E ele está ali para ajudar Caroline a se reconectar, a se comunicar com o mundo depois da aposentadoria.

Quando Caroline está indo embora, Julién vai atrás dela para dizer está com um dente inflamado. Eles seguem para a clínica de um amigo de Caroline, que por estar atrasado, não pode fazer o atendimento mas passa as luvas e o avental à Caroline. Antes de ir, o colega avisa Julién que ele havia dado sorte porque ela era a

melhor de sua geração: é rápida e não deixa a gente sentir dor. E Caroline cuida dos dentes de Julién, que a convida para almoçar em seguida. O fato de poder tratar os dentes do professor faz Caroline sentir de novo o gostinho de ser competente e autônoma como dentista. É Julién que dá a ela esse prazer de se sentir útil de novo. Ela está ao lado de um homem que sabe que ela é a “*melhor de sua geração*” e não apenas uma simples senhora aposentada. Ao atender Julién, Caroline entra em contato novamente com sua força e sua confiança.

Durante o almoço Caroline conta a Julién que está aposentada e que não sabe o que fazer com tanto tempo livre. O professor pergunta se ela não se interessa em trabalhar no serviço social, mas ela se recusa dizendo que não é só porque está desocupada que precisa fazer serviço humanitário. Caroline começa a listar as coisas que gostaria de fazer:

- | | |
|---------------------------------------|--------------------------------------|
| ✓ <i>Ter mais tempo para ela</i> | ✓ <i>Tirar habilitação náutica</i> |
| ✓ <i>Aprender a não fazer nada</i> | ✓ <i>Aprender a jogar xadrez</i> |
| ✓ <i>Visitar os Castelos do Loire</i> | ✓ <i>Escrever suas memórias</i> |
| ✓ <i>Ler o “O segundo sexo”</i> | ✓ <i>Aprender a usar a furadeira</i> |

É fácil notar que quase todas as atividades mencionadas por Caroline são tidas como masculinas, com predominância de características Yang. Até para “não fazer nada” ela acha que precisa aprender. Caroline não se sente confortável ficando com ela mesma, tem a necessidade de estar ocupada, evitando refletir sobre si própria. Fica uma impressão de que tudo deve ser muito planejado, regrado, organizado, implicando numa desvalorização inconsciente dos aspectos femininos na psique de Caroline.

A atividade assistencial, que poderia ser vista como algo mais feminino, na medida em que inclui uma dedicação e um cuidado com o outro que vai além do emprego da técnica racional, é rejeitada de maneira taxativa. Na lista há também uma evidente apego à intelectualidade e às atividades que envolvem raciocínio, direção e controle.

Julién brinca ao perguntar se ela se interessaria também pelo “primeiro sexo” e essa é a dica para que Caroline note seu interesse por ela. *Você está me paquerando?* Ela indaga. Impulsivo, Julién dá um beijo em Caroline. A passagem do “segundo para o primeiro sexo” pode ser entendida como uma proposta de volta ao desejo sexual mais primitivo, sem o verniz da filosofia feminista de Simone de

Beauvoir, autora do livro “O segundo sexo”. É como se Julién convidasse Caroline para uma vida mais simples, para escutar seu desejo sem tanta racionalidade.

Começa a chover forte e os dois correm para o carro de Caroline. A chuva, como um sinal dos céus, aumenta a proximidade dos dois em um abrigo seguro. Dentro do carro estacionado na orla, o clima entre eles esquenta, mas a chuva passa e, com a volta da claridade do dia, os dois ficam muito expostos diante das pessoas que passam. Caroline retoma o controle da situação e eles vão embora.

Na banheira de sua casa, Caroline saboreia as lembranças da tarde com Julién, quando, de repente, as filhas invadem o banheiro sem bater na porta. Elas falam sem parar e nem notam que a mãe está incomodada. Vendo Caroline com o rosto todo vermelho as filhas começam a criticar o banho quente e ela responde de forma sarcástica: “*Se o Mick Jagger ainda faz shows, eu posso tomar meus banhos quentes.*” Por que será que nesse momento Caroline se lembra do roqueiro Mick Jagger? O que será que ele representa? Como roqueiro, o cantor é tipicamente um símbolo de rebeldia. Além disso, é alguém que não se curvou diante do envelhecimento: está com mais de setenta anos e ainda faz shows pelo mundo. E, finalmente, é um homem considerado sexy, casou-se várias vezes, está sempre acompanhado de mulheres belíssimas, algumas bem mais jovens que ele. É como se inconscientemente Caroline estivesse dizendo: se o Mick Jagger, aos setenta anos, pode sair por aí rebolando e transando com tudo mundo, eu também posso. Ao pensar em Mick Jagger, Caroline parece estar se autorizando a ter um envolvimento com um homem mais novo. A analogia com o cantor também pode indicar o quanto Caroline se identifica com os modelos de conduta masculinos. Quando vai se comparar com alguém poderoso, é uma figura masculina que ela escolhe.

Os primeiros encontros de Caroline e Julién são intensos, eles bebem vinho, fumam, conversam, dão risada e fazem amor em lugares diferentes: no depósito do clube, no carro, na casa dele. A vitalidade e o desprendimento de Julién encantam Caroline. Ele faz o que tem vontade, entrega-se às emoções, ao desejo sem preocupação. Aqui se percebe a projeção do animus, que acontece no momento do reencontro com o sexo oposto. E, no caso de Caroline, bem no início do relacionamento, ela projeta seu ideal masculino em Julién, um homem que ela só conhece superficialmente, atraída pela beleza e pelo fato de ele ser bem mais jovem que ela. Sobre este tipo de paixão, Sanford (2002) explica:

Quando nos apaixonamos por alguém que não conhecemos como pessoa, mas por quem somos atraídos porque reflete para nós a imagem do deus ou da deusa em nossas almas, é, num certo sentido, apaixonarmos por nós mesmos (...) O amor real começa somente quando uma pessoa chega a conhecer a outra, para quem ele ou ela é realmente um ser humano e a preocupar-se com ele. (SANFORD, 2002, pp.29/30)

Mas Caroline já começa a notar alguns detalhes que a desagradam: casa dele está sempre uma bagunça, ele não sabe reconhecer um bom vinho, não a espera para começar a comer. Um exemplo dessas diferenças ocorre na cena em que Caroline vai à casa de Julién pela primeira vez. Ela pergunta se ele conhece o vinho que levou e ele parece não se interessar: “vinho é vinho”, ele diz. Como ele não tem saca-rolhas, ela se exhibe abrindo a garrafa na faca, mas Julién não se impressiona. Depois ensina Julién a segurar a taça de vinho pela haste para não alterar a temperatura da bebida. Enquanto ela fala, Julién se distrai usando uma rede social no computador. Ela começa a comer um resto de bolacha que encontrou por ali e Julién a interrompe dizendo que precisa dormir.

Aos poucos Caroline também percebe que Julién é um conquistador. Uma hora está abraçando a professora de teatro, outra hora Caroline percebe que ele recebe outras mulheres em sua casa. Ela se sente insegura e fica perguntando por que ele se interessou por ela, se ela é apenas mais uma e como ele consegue administrar tantas mulheres ao mesmo tempo. Julién diz que está com ela simplesmente porque aconteceu e que ele nem pensa muito nisso.

Julién traz para Caroline a possibilidade de transgredir, de não ser tão certinha. Há uma cena que eles jantam em um restaurante e entra um casal conhecido. Ao ver o desconforto de Caroline, Julién ri e não acredita que ela o levou em um lugar que costuma ir com o marido. Julién diz que ela gosta de viver perigosamente e ela propõe que eles fumem lá fora. Como adolescentes, saem correndo pela rua sem pagar a conta e namoram no carrossel à beira da praia.

Um dia Julién vê uma foto de Caroline mais nova, morena e com franja. Ele comenta: “*Conheci você assim, quando eu tinha 13, 14 anos, você me obturou uma cárie. A mesma classe, a mesma autoridade.*” E Caroline, surpresa, pergunta se o seu caso com ela é um fetiche adolescente. Ela diz não se lembrar dele e explica que começou a se interessar pela juventude recentemente. Julién ainda questiona

se eles teriam um romance quando eles eram vinte anos mais novos, mas Caroline diz que provavelmente não aconteceria nada porque ela ainda não estava preparada.

Por esse comentário de Caroline, pode-se perceber que a função de Julién é trazer um pouco de juventude e novidade para a vida dela. Não faria sentido se ela o encontrasse antes porque Caroline, naquela época, não estaria precisando compensar seus aspectos envelhecidos com o frescor de Julién. O interesse pela juventude mencionado por Caroline é vivenciado nesta paixão adolescente, que fica caracterizada pelos riscos, sexo em lugares públicos, exageros na bebida, cigarros, fugir sem pagar a conta e até por sua insegurança ao trilhar um terreno desconhecido no qual nem tudo pode ser planejado.

Caroline conta a Julién que seu marido já sabe sobre eles. Ele diz que ela pode fazer o que quiser. Ela se irrita dizendo que ele não se importa com o destino dos dois porque as mulheres são todas substituíveis, permutáveis. Julién responde que é o tipo que só faz a cama e abre a porta; ele diz que não se interessa pelo estado emocional delas quando saem de sua vida. E conclui: *“Eu tento fazer o melhor. Desculpe, eu sou só diversão.”*

A relação com Julién traz para Caroline uma energia vital que a torna mais leve e conectada com suas próprias emoções. Ela começa a perceber que essa relação não é de amor, já que ela mal conhece Julién, mas é uma paixão pela energia e vitalidade que Julién traz para a alma dela.

6.2.4 – O acolhimento do grupo

Caroline vai se aproximando do pessoal do clube e se envolve em várias atividades, incluindo uma peça de teatro. Em uma cena na praia, as mulheres do clube estão reunidas e conversam sobre os acontecimentos que as fizeram lembrar dos efeitos do envelhecimento no corpo. De maneira humorada, elas dão risada e comentam como foi a primeira vez que foram chamadas de senhoras, o primeiro cabelo branco, a primeira plástica nas pálpebras, quando notaram os braços balançando, a primeira blusa sem decote, quando tiveram o primeiro fracasso sexual.

No clube, joga pingue-pongue com amigas e se diverte, em oposição à primeira cena em que Caroline torce o nariz ao passar pela mesa de pingue-pongue.

Um outro amigo do clube conta a Caroline que é carpinteiro e que perdeu a mulher com câncer de mama. Ela conta que melhor amiga dela, Anne, teve câncer nos dois seios antes de morrer e quando foram tirar o segundo seio ela gritou “*cabelereiras desgraçadas, sempre querendo igualar os dois lados*”. É uma situação muito impactante que faz com que Caroline entre em contato com a crueldade da doença que mutilou a amiga em seu aspecto mais feminino: as mamas. Pode-se aqui fazer uma analogia com o fato de que o papel da nutriz, o arquétipo da Grande-mãe, é simbolicamente comprometido, com o câncer de mama. Ver os órgãos femininos se deteriorando é uma vivência no corpo que mostra a impossibilidade de amamentar e ter filhos. E Caroline, com a doença da amiga, pode ter sentido a fragilidade de ser mulher, pode ter notado que o corpo pode mudar durante a vida e que o envelhecimento traz a necessidade de descobrir outras possibilidades. “*Sinto muita falta dela*”, ela diz.

Pela primeira vez Caroline menciona sua dor pela perda da amiga. Talvez na presença dos colegas do clube ela se sinta confortável para demonstrar sua fragilidade. Na cozinha, conversando com a amiga que tem depressão, ela revela que também tinha suas inseguranças ao atender seus pacientes. Diz que quando as pacientes tinham medo, ela colocava as luvas, olhava para longe e dizia: “*vai dar tudo certo*”. Caroline complementa dizendo que, na verdade, falava com ela mesma.

Caroline começa a notar que, naquele grupo, as pessoas também passaram por situações difíceis e estavam ali tentando se divertir, apoiar umas às outras. Já não se sentia tão sozinha, parecia mais relaxada e ela começava a se abrir, aceitar melhor suas emoções. O convívio com um grupo *senex*, faz com que Caroline possa ter a experiência de sentir emoções agradáveis, rir de si mesma e mudar a imagem estereotipada que tinha sobre o envelhecimento. Guggenbühl-Craig (1980) menciona que tudo que somos vem da experiência, da humanização do arquétipo. O autor menciona que não se pode compreender o arquétipo de modo racional, só pela reflexão. Só quando a situação arquetípica é vivenciada na realidade é que ela pode ser conscientizada e esse parece ser o caso de Caroline: conviver com outras mulheres que passaram pelo que ela passa e poder olhar para isso de um jeito criativo faz com que ela possa viver o envelhecimento sem os preconceitos de antes.

As colegas de clube, que já haviam percebido o caso de Caroline com Julién, acolhem Caroline e comemoram o fato de ela ter conseguido se relacionar com um homem mais novo, como se Caroline desse a elas o gostinho de se vingar de todos os homens que trocaram suas esposas por mulheres mais jovens. Uma das mulheres, que é casada há oito anos, fala que antes do atual marido vieram outros. Caroline pergunta se é uma história de amor ou de sexo e ela responde: “os dois, claro!”. A pergunta de Caroline evidencia seu conflito: será que ela pode pensar em ter amor e sexo reunidos no mesmo relacionamento, sem ter que se dividir entre viver o amor com Philippe e o sexo com Julién?

As amigas, com sua experiência de vida, podem entender que as relações se transformam com o tempo e que Caroline tinha direito de buscar ser feliz. Sentem até um pouco de inveja por Julién ser bonito.

A aceitação da nova fase *senex* também pode ser observada na cena do aeroporto. Enquanto Julién conversa com uma jovem morena sobre o atraso do voo, chega uma mulher idosa para sentar ao lado de Caroline. Ela conta à senhora que está indo para a Islândia e a idosa comenta que foi um dos primeiros lugares que visitou quando se aposentou. Conta que é um lugar muito lindo para se conhecer com um amor. Caroline se surpreende quando a idosa diz que foi para a Islândia com a namorada. Ela com padrões tão rígidos, com tantas convicções do que é ser velha e a mulher tão moderna, tão aberta para as diferentes possibilidades.

Elas também conversam sobre o atraso no voo e a idosa fala que Caroline ainda é muito jovem para se preocupar com o tempo. Caroline responde que não é jovem, que já tem sessenta anos. E a mulher responde: “*Isso é uma alegria! Até os meus 84 tudo foi uma maravilha!*” A conversa com a senhora parece fazer com que Caroline mude seu referencial. Talvez estivesse se questionando se ela deveria mesmo sentir-se tão velha e se a presença mais jovem de Julién estimulava essa impressão de envelhecimento. Nesse momento, Caroline, além de fazer as pazes com sua idade, parece ter tomado consciência que não precisava mais da presença física de Julién para se sentir rejuvenescida. Ela mesma tinha integrado a juventude e o desprendimento de Julién, adaptando essas qualidades ao seu modo de ser.

Julién volta para avisar que conseguiu fazer uma troca no voo, aproveitando-se da disponibilidade de uma moça morena que viajava para Londres. Sem pensar muito, Caroline olha para a moça que acompanhava Julién, ambos em pé na sua frente, e diz: - “*Ela pode pegar meu lugar no avião*”. Ele se espanta, diz que não está

entendendo nada. Caroline fala para Julién não se preocupar porque ela também havia feito uma amiga e queria voltar para casa. Julién explica para a moça que Caroline havia desistido de ir viajar e complementa: “*acho que minha namorada está dizendo que acabou tudo*”, o que Caroline confirma com um sorriso no rosto. Eles se despedem com um beijo e ele vai embora com a moça.

6.2.5 - De volta ao casamento

Mesmo durante o período que estava apaixonada por Julién, Caroline ainda mantinha um bom diálogo como o marido e isso fica evidente em algumas cenas. Eles eram companheiros de uma vida inteira, embora o casamento estivesse desvitalizado. Numa delas, o marido está chateado em um canto da cozinha, dizendo que passou a noite ao lado de um chato que só queria se aproveitar seus 40 anos de experiência profissional. Caroline conta que voltou a fumar e ainda observa que quem fuma vive, em média, sete anos menos. É como se o marido comesse a se aborrecer com o envelhecimento, aproximando-se daquilo que ela sentia.

Em um outro momento, na praia com a família, Caroline observa o neto empinando a pipa e parece feliz ao ver todos se divertindo despreocupados. Ela parece constatar que construiu uma família bonita ao longo da vida.

Caroline conversa com as filhas na praia. Dá o cinzeiro que fez na clínica de presente para a filha que fez sua matrícula no clube e avisa que é feio, mas foi feito com amor. E brinca falando que o presente é por conta dos muitos colares de macarrão que ela ganhou das filhas. Uma das filhas vai para perto do mar e a outra fica conversando com Caroline. Quando Caroline lhe confessa que tem um amante que tem sua idade, a filha é compreensiva e chega a dizer que só não tem um amante também porque não tem nem o tempo e nem a coragem da mãe. A outra irmã volta e Caroline diz que sente muito por ter deixado o clube e a filha fala “*você nunca sente, mas tudo bem*”.

Essa cena demonstra o respeito das filhas com as escolhas de Caroline. No início da história, as filhas estão muito preocupadas com a saúde da mãe e parecem até invasivas, mas essa cena indica uma consideração muito grande pela busca de felicidade da mãe. Pode-se imaginar que Caroline, embora com dificuldades de

demonstrar suas emoções e sentimentos, tenha sido uma boa mãe, a ponto de sua filha receber sua confissão com tanta tranquilidade.

Em casa, Caroline leva um chá com mel para o marido, que está resfriado. Ela pergunta se ele não pode tirar uns dias de folga e sugere que eles podiam viajar juntos, dizendo que gostaria de conhecer a Islândia. E o marido diz que não há o que fazer lá, cortando a conversa. É evidente que Philippe sabe o que um casal poderia fazer em um lugar romântico como a Islândia, mas está sem forças para recuperar a relação com Caroline.

Philippe cria coragem e pergunta se Caroline lembra o que estavam fazendo em 1978. Ela diz que não e ele responde: *“Amor. O tempo todo, sem parar. Não lembra? Era bom. Fico imaginando se a gente não poderia tentar de novo”*. Eles fazem amor e no final Philippe conta a Caroline que sabe de seu caso com Julién. Ele se queixa que Caroline não teve o cuidado de ser discreta e deixou pistas para que ele descobrisse seu caso: baseados no carro, maquiagem espalhada, noites com sua amiga depressiva, o jantar no nosso restaurante. Philippe diz que não quer conversar e pergunta a Caroline se ela já se olhou no espelho. Séria, ela responde que é o espelho que olha para ela.

O fato de Caroline não ser tão discreta quanto ao seu caso com Julién pode ser um símbolo do quanto ela gostaria que o marido descobrisse a traição e se transformasse junto com ela. É como se Caroline quisesse contar para ele sobre as novas possibilidades que descobriu com Julién, mas, ao mesmo tempo, não quisesse machucá-lo e nem correr o risco de perder o amor de Philippe.

Philippe e Caroline estão na cama, antes de dormir, e ela comenta que passou na associação de Sarah para ver o cargo de dentista que ele havia sugerido. Ela também diz que vai parar de ir aos Belos Dias e que rompeu com Julién. Notando o esforço de Caroline para tentar retomar o casamento, Philippe comenta que está velho demais para lutar por ela, para tentar reconquistá-la.

E os dias se passam com as frases incômodas sendo despejadas, de um lado ao outro. Caroline está confusa, não sabe se quer segurar Philippe ou se o deixa ir. Ela parece querer recuperar seu casamento, mas ainda não tem certeza se a relação vai sobreviver às transformações trazidas por sua infidelidade. E nenhum dos dois sabe se é possível reconfigurar o casamento, agora que Caroline se transformou.

Quando deixa Julién partir com a jovem morena, Caroline se hospeda em um hotel simples ao lado do aeroporto e chama Philippe. Quando ele chega lá, ela o recebe dizendo: *“eu sei que o quarto é muito simples e não tem muitos pontos turísticos aqui por perto”*. E ele responde: *“Você me acostumou com coisa melhor. A última vez que você fugiu foi para Paris, se me lembro bem...”* Ela diz que também está ficando velha. Eles vão tomar um lanche, mas só tem bolacha no hotel. E ele, bem humorado, diz que a bolacha até é boa, e que as frutas cristalizadas combinam com o vinho Chateau d’Iquem.

A cumplicidade entre Philippe e Caroline fica evidente nesse pequeno momento. A conversa faz menção à história deles, ao quanto eles têm em comum. E também indica uma maior sintonia com a questão do envelhecimento. Enquanto Caroline assume que está ficando velha, Philippe também se dispõe a abrir mão de seu conforto habitual para encontrá-la em um hotel simples e comer bolacha de pijama. Caroline está comendo bolacha com Philippe, da mesma forma que estava comendo bolacha com Julién, no primeiro encontro. Só que agora sente-se mais à vontade, de pijama, no refeitório de um hotel simples.

Os dois não conseguem entrar no quarto porque a porta foi trancada com a chave dentro e não há ninguém no hotel para ajudar. Eles vão caminhar na praia e ouvem um barulho de caminhão. Correm para pedir carona e seguem para casa na caçamba do veículo. Os dois abraçados, de pijama, se protegem do frio enquanto o dia amanhece.

É interessante observar a imagem de Caroline no início da história, de salto alto e coque, e compará-la com essa imagem de pijama e cabelos ao vento, na caçamba de um caminhão de obras. É o afrouxamento persona de Caroline, que funcionava como defesa de seus aspectos mais frágeis e a impedia de demonstrar suas emoções. A dentista poderosa e autoritária dá lugar a uma mulher despojada que pode ficar feliz ao ser abraçada e protegida pelo marido. A transformação vivida por Caroline, depois da experiência com Julién, permite que ela sinta a vida sem tantas armaduras.

Em um dia de sol, os navios de turismo se cruzam no mar, ao fundo. Analisando a imagem, pode-se pensar nas voltas que o mundo dá e pensar que as pessoas estão conhecendo novos lugares. Mesmo com o vento forte, as pessoas do clube estão correndo pela praia e vão tirando a roupa para entrar no mar.

Caroline, com os cabelos mais curtos, parece feliz ao conversar com o marido Philippe e Paul, o dono do clube Os Belos Dias. Eles falam sobre entrar no mar e Philippe diz que tem medo mas confirma que vai entrar junto com Caroline. Ela diz que não vai, mas ele insiste. Enquanto eles se abraçam e se beijam na praia, o marido puxa Caroline para o mar. Rindo, eles caem no mar de roupa e sentem a onda batendo neles com força.

Depois de tantas cenas com Caroline andando na beira do mar, caminhando na praia, agora ela finalmente entra no mar. Pensando que o mar representa a totalidade, o inconsciente, Caroline esteve o tempo todo na praia, no limiar entre o mundo consciente e o desconhecido. Com a proteção do marido, que também afirma ter medo, ela entra no mar e se expõe às incertezas das ondas, ao movimento do mar que mostra novas sensações à Caroline. O mar também pode representar a força de renovação, a possibilidade de dar dinamismo ao casamento. Eles vão abraçados, parceiros, em direção aos desafios que o processo de individuação impõe a cada um.

Guggenbühl-Craig (1980) ressalta que um casamento de individuação é aquele em que o encontro dialético com o parceiro está presente, mesmo quando as coisas se tornam difíceis. O casamento de individuação é dinâmico, permeável às transformações, ainda que haja conflito. Esse parece ser o caminho a ser percorrido no casamento de Caroline e Philippe, a partir da vivência do sofrimento provocado pela infidelidade. A ampliação da consciência de Caroline e Philippe vai além de retomar o casamento transformado após a traição de Caroline, mas envolve também a percepção do quanto estavam traindo seu si-mesmo com a manutenção de um casamento acomodado.

7- Discussão

Francesca e Caroline são duas mulheres casadas há muitos anos, que inesperadamente se apaixonam por homens que acabaram de conhecer. Em um momento em que o casamento de ambas andava desgastado, acomodado sobre a rotina diária, aparece a paixão trazendo a promessa de novas emoções e dias mais intensos.

É interessante que o espelho apareça nos dois filmes. Ambas se olham no espelho antes de tomarem um caminho diferente daquele que estavam trilhando até então. Francesca vai até o banheiro de sua casa, durante a madrugada, e olhando para sua imagem refletida no espelho decide que vai convidar Robert para jantar. Caroline também se observa no espelho buscando criar coragem para visitar o clube “Os Belos Dias”, onde, embora ainda não saiba, irá conhecer Julién.

O espelho é um símbolo que pode significar tanto uma simples reprodução da aparência, como um contato com a essência. É um mediador entre o mundo interno e o externo. As personagens se olham no espelho e parecem perguntar quem elas são de verdade e o que ainda podem esperar da vida. Ao mesmo tempo confrontam-se com uma aparência que não reflete quem elas realmente pensam ser. No espelho enxerga-se a persona, a máscara que separa o mundo interno do externo.

Refletir, espelhar, identificar-se com a imagem. Tudo remete ao autoconhecimento, à busca de descobrir quem se é, e, nesse caso, o espelho aparece como um convite a conhecer o si-mesmo, a ir além do que a persona mostra.

O que Francesca vê no espelho? Francesca vê a imagem de uma dona de casa que se esqueceu de que é mulher. Está dentro de um casamento convencional, em que as funções de marido e mulher se voltam para o cuidado com a fazenda e a família. O marido é um homem bom, pai de seus filhos, provedor, mas não há mais romance entre eles. Francesca parece gostar de aventuras ou não teria se casado com um militar americano que servia em seu país natal. Concordou em se mudar para os Estados Unidos, certamente imaginando uma vida diferente. Mas teve que abrir mão de seus sonhos quando o casal foi viver em uma propriedade rural sem muitos atrativos.

Francesca foi professora antes de ter filhos, o que indica um gosto pela cultura, um interesse pelo saber. Ela conta para Robert que adorava pensar que faria diferença na vida de alguém e se orgulha por um aluno ter se tornado médico com a sua ajuda. Também aprecia a música clássica, o jazz, mas só pode escutá-la em uma única estação que pega no rádio da cozinha. Francesca é delicada e sensível, mas vive em um ambiente em que tais características não têm qualquer utilidade.

Caroline parece não gostar do que observa no espelho. Ela está identificada com a casca, com uma embalagem de si mesma que ela enxerga como algo deteriorado e sem vitalidade. Durante a vida toda foi uma mulher intelectual, de gênio forte, que era respeitada pelo poder conferido por sua persona ativa. O fato de ser dentista lhe dava uma autoridade que servia de escudo protetor de suas características femininas. Caroline é uma mulher não consegue demonstrar emoções, e que não aceita sua fragilidade emocional. Ela acaba de perder a melhor amiga devido a um câncer e também deixou de clinicar.

Em menos de cinco meses, tudo que Caroline conhecia como vida se transformou em um vazio. Seu marido a conhece bem e procura ajudá-la a buscar um novo sentido, mas ele também está contaminado pelas questões relativas ao envelhecimento e representa um tipo de casamento que não traz mais felicidade para Caroline. Além disso, ela parece se sentir humilhada quando alguém tenta cuidar dela.

Outra coincidência nos dois filmes é o banho de banheira. Tanto Caroline quanto Francesca tomam um demorado banho antes de mergulhar na relação extraconjugal. O banho vai além de uma simples limpeza do corpo. Há um sentido religioso no banho que leva à ideia de transformação, de mudança de um estágio para outro. É um rito de passagem para uma nova etapa, como é o caso, por exemplo, do banho do batismo cristão que celebra a entrada no mundo espiritual. Também há algo de erótico no banho, quando a água quente envolve todo o corpo, trazendo relaxamento e o contato com a própria sensualidade.

Francesca e Caroline passam por esse ritual de ficar um tempo imersa nas águas, relaxam antes de se abrirem para as sensações e emoções inconscientes, antes de se entregarem ao conhecimento do animus. O demorado banho de banheira é como se fosse uma prévia do contato com a própria alma, que estava

para acontecer quando Francesca se entregasse a Robert e quando Caroline se entregasse a Julién.

E no caso de Francesca, há um segundo banho: ela e Robert aparecem juntos, imersos na mesma água. Na cena, a imagem é de harmonia e comunhão. Ambos entraram juntos nas águas profundas do inconsciente e o que se vê é um legítimo encontro de anima e animus. Francesca representa aspectos da anima de Robert. E Robert representa aspectos do animus de Francesca. A partir deste momento, eles se tornam conscientes desse encontro raro e suas almas se tornariam inseparáveis como escreve o fotógrafo na carta que deixou para Francesca antes de morrer: *“Eu luto para me convencer de que realmente seguimos por trilhas distintas, mas então olho pela lente da câmera e lá está você. Eu começo a escrever um artigo e me pego escrevendo para você. Está claro para mim que seguimos na mesma direção.”* E os diários de Francesca mostram que ela sentiu o mesmo e continuou amando Robert durante toda a vida: *“Desde então, não há um dia em que eu não pense nele. Quando ele disse que não éramos mais duas pessoas, ele estava certo. Nós estivemos mais unidos que duas pessoas podem ficar”*.

No caso do filme “Os Belos Dias”, o encontro com o animus não se deu da mesma forma. Julién apresentou Caroline para sua própria alma, fez com que ela se conscientizasse do seu funcionamento unilateral, que estava polarizado na racionalidade e nos aspectos negativos do envelhecimento, mas depois o professor não tinha mais lugar na realidade dela. Caroline se apaixonou pelas características de Julién que faltavam nela e quando percebeu isso pôde integrar estes novos elementos na sua psique. Caroline descobriu as potencialidades que estavam inconscientes, tanto pela identificação com a persona rígida e autoritária, como pela repressão dos aspectos femininos que eram desvalorizados por ela. Caroline conseguiu ser mais leve e despojada depois da relação extraconjugal com Julién. Ela caminhou em direção ao si-mesmo e voltou para seu casamento mais consciente de seus desejos e de suas potencialidades.

Foi possível notar que Francesca, por estar nos anos 60, ainda estava fortemente submetida ao funcionamento patriarcal. Era o marido que a protegia e organizava a vida familiar. A fazenda onde eles moravam pertencia à família do marido há mais de cem anos. Francesca não conhecia outra possibilidade de vida antes de conhecer Robert. De forma que seria muito difícil para ela, em apenas

quatro dias, abandonar tudo para viver de um jeito mais livre, em uma relação de alteridade inteiramente nova. Talvez, o medo do desconhecido tenha feito Francesca ficar na zona de conforto, com um marido pouco sensível mas numa relação mais segura e previsível. A diferença entre a “Francesca de Robert” e a “Francesca de Richard” era muito grande, a ponto da personagem mencionar que nunca havia se estranhado tanto e nunca havia se sentido tão ela mesma.

Uma outra hipótese é que Francesca se ofereceu em sacrifício para purificar o seu amor. A decisão de não acompanhar Robert também preservou o amor que Francesca sentia por ele. É como se, por ser condenado pela sociedade, o amor vivido naqueles quatro dias podia ser considerado sujo, imoral. Francesca e Robert viveram uma história de amor mas, aos olhos dos outros, eles foram fracos e sucumbiram a um desejo carnal, seguiram seu instinto animal sem se importar com a moral vigente. Ao escolher ficar, Francesca ofereceu seu amor em sacrifício e conseguiu deixá-lo protegido de toda maledicência, intocável e puro. A renúncia ao desejo instintivo, como forma de sacrifício, tem efeito regenerador. (JUNG, OC 5:671)

A história de Caroline, por outro lado, é contemporânea. Acontece quase cinquenta anos depois, período em que o papel da mulher teve inúmeras mudanças. Caroline tinha seu próprio trabalho e não parecia depender financeiramente de seu marido. Ela era intelectualizada e administrava a própria vida com mais autonomia. Suas filhas também eram adultas e foram criadas para entender a complexidade das questões femininas com mais naturalidade que os filhos de Francesca. Caroline teve mais liberdade para experimentar um relacionamento extraconjugal por viver em uma época em que a busca de realização pessoal é mais presente e vai além de simplesmente ter conquistado um marido e uma vida confortável.

O modelo de casamento de Caroline permitia diálogo e talvez por isso é que ela pôde compartilhar a sua infidelidade com o marido. Não que a traição não tivesse provocado bastante sofrimento, mas foi um fator determinante para o crescimento do casal. O contato com a juventude de Julién fez com que Caroline integrasse emoção e sensualidade à sua vida e, por meio de suas descobertas, levou para o marido Philippe outras possibilidades de relacionamento. A cena em que Philippe lembra o quanto eles gostavam de fazer sexo no início do casamento revela o quanto ele também sentia falta da vitalidade de Caroline. Indo além da

questão sexual, a crença de Caroline no sentido de que o envelhecimento era um processo de aniquilamento da libido, que a afastaria de todos os prazeres da vida, havia contaminado também Philippe.

Na verdade, a relação com Julién fez com que Caroline percebesse que o envelhecimento do corpo físico não significa necessariamente uma impossibilidade de ter vida sexual e nem implica em falta de qualidade no relacionamento. É certo que a passagem do tempo traz transformações para a relação, que precisa se adaptar para receber as novas possibilidades. O convívio com Julién e com os colegas do clube fez com que Caroline notasse que é possível ver o envelhecimento de uma maneira construtiva, na qual a experiência de vida é importante, aproveitando todo aprendizado e ressaltando a intimidade conquistada ao longo dos anos de parceria.

Caroline e Philippe eram parceiros, mantinham um relacionamento em que cada um podia exercer sua individualidade e, ao mesmo tempo, ter um espaço comum de convivência harmoniosa. A aposentadoria e a morte da amiga Anna alteraram o equilíbrio de Caroline e trouxeram questões que mudaram sua dinâmica pessoal e conseqüentemente do casal. Foi preciso que Caroline se afastasse para se descobrir em face de outro parceiro e retornar inteira para o casamento com Philippe. Pode-se dizer que Caroline foi fiel ao seu processo de individuação e buscou se conhecer e crescer na relação com Julién, mesmo que isso significasse voltar a ver sentido no seu antigo relacionamento com Philippe, que agora seguiria transformado.

O casamento de Francesca, por outro lado, não suportaria a confissão da infidelidade. Mesmo que ela tivesse coragem de contar ao marido sobre seu caso com Robert, Richard jamais entenderia. Aparentemente, não havia efetiva comunicação entre o casal, os acontecimentos não eram pensados e analisados. As coisas eram como deviam ser, sem espaço para reflexão ou questionamentos. Francesca desempenhava o papel de mãe e dona-de-casa que era esperado de uma mulher nos anos 60, assim como Richard também fazia sua parte como marido e chefe de família.

A experiência extraconjugal de Francesca foi como um sonho que trouxe à sua consciência novas possibilidades de viver um relacionamento amoroso, mas ela não estava preparada para tornar esse sonho realidade. Havia uma distância tão grande entre o casamento de Francesca e o mundo oferecido por Robert, que ela

não conseguiu ir adiante e transformar concretamente sua realidade. A transformação, não partilhada com o marido, ficou guardada com Francesca até sua morte, quando pôde produzir efeito no processo de individuação dos filhos.

Mesmo que a traição fosse motivo de fofoca nos dois contextos sociais, há uma grande diferença com relação ao peso da opinião coletiva nas duas histórias. Francesca tinha, bem próxima a ela, um exemplo da moça que era hostilizada pela cidade inteira por ser amante de um homem casado. E note-se que neste caso a moça nem era infiel porque era solteira. Mas por amar um homem casado era considerada imoral. A situação de Francesca era pior na medida em que não se podia tolerar que uma mulher fosse infiel e ainda mais que abandonasse os filhos para viver com outro homem. Ao pensar que sua traição seria uma tragédia familiar, Francesca não conseguiria ser feliz, ainda que estivesse a quilômetros de distância. Ela fazia parte daquela coletividade que considerava a moça uma destruidora de lares e agora, só porque havia conhecido Robert, não se sentia forte o suficiente para romper com todos os seus valores anteriores.

É isso que ela quer dizer quando lembra a Robert que fez uma escolha ao se casar. Não se trata de simplesmente escolher um parceiro amoroso, mas sim de se comprometer com uma estrutura familiar, com valores coletivos que determinam como ela deverá viver como mulher casada, com filhos. Como diz Guggenbühl-Craig (1980), o arquétipo da mãe tem sido um dos mais importantes ao longo da história, mesmo porque sem as mães a humanidade deixaria de existir. Por tal motivo é que as mulheres vivenciam a maternidade de forma tão intensa e desejam ter filhos como se isso fosse o ápice da experiência do que é ser mulher.

O autor menciona que essa relação da mulher com a maternidade vem se alterando nos últimos anos, devido ao fato de que as mulheres vêm tendo mais oportunidades de realização pessoal em outras esferas da vida, entre as quais se destaca a vida profissional. Além disso o casamento não é mais indispensável para a busca de satisfação sexual, já que as mulheres de hoje podem se relacionar sexualmente sem estarem casadas. Mas, no tempo de Francesca, a mulher não havia conquistado tanto espaço na sociedade e, realmente, desempenhar o papel de mãe e de esposa era a única possibilidade de satisfação respeitável, ainda mais vivendo em uma fazenda no interior dos Estados Unidos.

Por outro lado, a infidelidade de Caroline, que é contemporânea, não causou tanto estrago no campo social, em comparação ao que poderia ter

acontecido com Francesca. As amigas do clube, mulheres mais experientes, adotaram uma postura de não julgar Caroline, entendendo que o casamento passa por crises e a traição não é motivo de condenação implacável. Nem a filha de Caroline pareceu se incomodar muito com o fato de a mãe ter um amante. Já as funcionárias do clube ficaram perturbadas com o caso de Julién com Caroline, mais por inveja de sua beleza aos sessenta anos, do que por uma questão de moralidade.

No entanto, o respeito dos amigos com as escolhas pessoais de Caroline não significa que a fofoca sobre a infidelidade alheia tenha sido completamente banida dos tempos atuais. No filme, Philippe fica sabendo da traição de Caroline por uma amiga fofoqueira que encontrou o casal de amantes no restaurante, numa demonstração de que ainda existe reprovação social para a infidelidade, embora de forma mais velada.

Outra semelhança entre as duas personagens reside no gosto pela viagem, como meio de transformar o ambiente do casamento. Na conversa com Robert, Francesca fica fascinada com as histórias sobre a África, degustando cada palavra do fotógrafo. Caroline quer conhecer a Islândia, um lugar de paisagens totalmente diferentes da cidade litorânea francesa que ela mora. Isso pode ser entendido como uma necessidade das duas personagens em respirar novos ares, conhecer outras culturas, uma busca de outro jeito de viver o casamento. Viajar com o parceiro também pode ser visto como uma oportunidade de separar o casal do ambiente cotidiano, recuperar o contato com a época de namoro, quando o casal se bastava. De sorte que tanto Francesca quanto Caroline gostariam de transformar seus casamentos, descobrir novas maneiras de se relacionar, recriar momentos de intimidade com os parceiros.

Para Francesca a infidelidade trouxe a descoberta de seus aspectos femininos e um contato mais intenso com sua sensibilidade e sua sexualidade. Robert chega em sua vida para tratá-la como ela nunca havia sido tratada: oferece flores, ajuda a preparar o jantar, tira fotos dela, dança abraçado, leva para passear. É um amor que preenche sua alma para o resto da vida.

Caroline recuperou a leveza adolescente, descobrindo que a vida não precisava ser levada tão a sério. Arriscou-se inventando desculpas para o marido, dirigindo alcoolizada, fazendo amor no depósito, aguentando as várias namoradas de Julién. A infidelidade ajudou Caroline a rever sua rigidez, sua intelectualidade e

se reinventar a partir de outro ponto de vista: descobrir o seu próprio jeito de ser, aproximar-se de seu si-mesmo.

Quando o outro é desvendado pelo ego consciente, fazendo-se a separação do que era projeção e do que é esperado na realidade, o animus deixa de ser projetado no parceiro para, com a conscientização, ter seus elementos integrados à psique. No caso de Caroline, parece ter ocorrido uma tomada de consciência dos aspectos positivos do animus que estavam projetados em Julién. Quando passou a encarar o envelhecimento de forma mais otimista, Caroline ficou mais leve e o apaixonamento por Julién perdeu a intensidade. Quando a paixão acaba, dois são os caminhos: ou o casal se separa porque, com o recolhimento das projeções, o outro deixa de parecer interessante, ou o casal permanece unido e transforma a paixão em amor recíproco, no qual ambos conseguem ver as qualidades do outro, sem tanta projeção. Sanford explica essa difícil equação entre o amor e a paixão:

O fato, entretanto, é que os relacionamentos exclusivamente baseados no estado de paixão nunca duram. (...) apaixonar-se é próprio para os deuses, não para os seres humanos e quando os seres humanos tentam reclamar para si a prerrogativa dos deuses e viver num estado de “paixão” (que é diferente do amor recíproco) surge um movimento inconsciente para interrompê-lo. (...) Quanto mais reais vão se tornando um para o outro como pessoas, menos possibilidade há de as imagens mágicas e fascinantes provenientes do inconsciente permanecerem projetadas sobre eles. (SANFORD, 2002, p.28)

Francesca, notando que não consegue romper com os valores de seu tempo e abandonar sua família, continua com Richard e guarda para si a certeza de ter se descoberto como mulher nos braços de Robert, a quem permanece silenciosamente fiel a vida toda. Ela continua apaixonada pelo fotógrafo, projetando nele as características do homem ideal, porque não permitiu que Robert se tornasse realidade em sua vida.

Caroline foi percebendo que Julién não tinha realmente muita afinidade com ela, e que toda juventude e prazer que ele lhe proporcionava poderiam ser reconhecidos como aspectos de seu animus. Suas descobertas na relação com Julién a fizeram notar que era possível encontrar uma nova forma de se relacionar com Philippe e com o mundo.

Sobre a retomada do casamento com Philippe, Hillman (1981) explica que depois da traição, ou seja, depois que se deixou o Éden, fica difícil de se restabelecer a confiança primordial. O relacionamento que vivencia uma infidelidade tem que recomeçar por um ponto totalmente diferente, em que se tenha consciência que as promessas cabem só até certo ponto e que “a vida é que toma a seu cargo os juramentos, cumprindo-os ou quebrando-os” (p.90).

Pode-se dizer que Philippe conseguiu entender a traição de Caroline e os dois retomaram o casamento de um ponto diferente. Hillman (1981) aponta que é possível aprender com a infidelidade e perdoar, ainda que não seja possível esquecê-la:

Tal perdão é um perdoar que não é um esquecer, mas a lembrança do erro que se transforma, quando inserido em um contexto mais amplo, ou nos termos que Jung coloca, o sal da amargura transformado no sal da sabedoria (HILLMAN, 1981, p.91)

A sabedoria é a ampliação da consciência de conteúdos do si-mesmo, que é indispensável ao processo de individuação. Fazendo referência à função da infidelidade no processo de individuação é interessante lembrar as palavras de Carotenuto (2011). Para o autor é difícil sustentar a contraditoriedade da existência e administrar o paradoxo que se estabelece entre a liberdade absoluta e o controle do rio da vida:

O que podemos fazer mediante a individuação é crescer através dessa traição, recuperar-se apesar dessa traição, assumir o escândalo dessa traição e confiar além da traição.(CAROTENUTO, 2011, p.49)

De maneiras diferentes, tanto Francesca quanto Caroline puderam se transformar com a experiência da relação extraconjugal, mesmo que o caminho percorrido por elas tenha trazido uma mistura de prazer e sofrimento. Como diz Hillman (1981), não há traição pior que trair a si-mesmo, deixando de passar pelas experiências inerentes ao processo de individuação, recusando-se a enxergar o que o inconsciente quer revelar.

8 - Considerações Finais

O relacionamento amoroso é um assunto frequente na clínica psicológica, palco em que se desenrolam angústias, conflitos, alegrias e dificuldades presentes no caminho de cada um. Temas como casamento, maternidade, família, sexualidade, fidelidade e companheirismo são elaborados e transformados cotidianamente. Questões de gênero, que envolvem a discussão sobre qual é o papel do homem e da mulher na sociedade, permeiam as relações de forma marcante.

De forma que este trabalho elegeu como tema principal a infidelidade de mulheres casadas, que está intrinsecamente ligada aos relacionamentos amorosos e à representação social do casamento. A proposta foi entender como a infidelidade se relaciona com o processo de individuação de duas personagens do cinema: Francesca, do filme “As pontes de Madison”, e Caroline, do filme “Os belos dias”.

O cinema, como meio de mostrar a cultura na qual estão inseridas as pessoas que frequentam a psicoterapia, é um ambiente perfeito para vivenciar e refletir sobre as emoções do ser humano comum.

O processo de individuação é um meio de ampliação da consciência individual, integrando-se os aspectos inconscientes. A ideia é que cada pessoa possa se tornar cada vez mais única e autônoma, conhecendo seus aspectos que estão dissociados e que são opostos entre si. Continuamente as polaridades da psique vão sendo identificadas e os elementos inconscientes relacionados ao sistema persona e sombra, anima e animus, vão sendo integrados à consciência. As relações amorosas são terrenos férteis para se viver a experiência de identificar conteúdos inconscientes da psique e promover a ampliação da consciência.

Francesca e Caroline são mulheres de épocas diferentes, em ambientes diferentes, mas que trazem vivências semelhantes no que diz respeito aos relacionamentos com si mesmas e com os parceiros amorosos. Este estudo demonstrou que seus casamentos estavam desvitalizados, fazendo com que Francesca e Caroline ficassem acomodadas em seu processo de individuação, sem perspectiva de desenvolvimento psíquico.

Francesca vivia na década de 60 e era uma dona-de-casa conformada com seu destino de cuidar da casa e dos filhos. A chegada de Robert transforma a vida de Francesca e faz com que ela conheça o verdadeiro amor. Ele desperta a alma

feminina de Francesca e faz com que ela possa viver plenamente sua sensibilidade e sua sexualidade. Francesca não consegue abandonar seu marido para viver com Robert mas compreende que precisou sacrificar seu grande amor para ver os filhos crescendo de maneira saudável. Na época em que Francesca vivia não era aceitável que uma mulher se apaixonasse por outra pessoa e se separasse do marido. Ela teve que escolher entre a família e seu amor. Acabou ficando com a família, mas nunca deixou de amar Robert.

Caroline, uma mulher contemporânea, teve condições de viver uma relação extraconjugal com mais liberdade. Atualmente, é comum que um casal passe por crises e se separe, sem que isso seja motivo de recriminação pública. Caroline estava passando por um momento especialmente difícil. Aos sessenta anos, sentia-se inútil por ter se aposentado. Além disso havia perdido a melhor amiga, que adoeceu com câncer de mama. Caroline se tornou triste, sem esperanças de que a vida pudesse lhe oferecer algo de bom. Tudo que conseguia ver em si-mesma e no próprio marido era o envelhecimento. Ao conhecer Julién, um professor 25 anos mais jovem, Caroline entrou em contato com conteúdos inconscientes que não imaginava possuir. Foi sedutora, inconsequente, insegura, ciumenta, infantil, enfim passou pela experiência de viver situações inusitadas que transformaram a Caroline fria, autoritária, racional, segura, em uma pessoa mais humanizada, sujeita a altos e baixos. Com a vivência da infidelidade, Caroline passou a se sentir uma mulher mais inteira, como fruto do processo de individuação.

Embora traga muito sofrimento, a traição é uma experiência transformadora que promove o desenvolvimento pessoal e o crescimento psicológico, tanto do traidor, como do traído. É um momento de entender que a vida não reproduz a relação de confiança primordial e nem traz de volta a sensação de completude que se costuma encontrar na relação mãe-bebê, que é a verdadeira imagem do paraíso. Como afirmam Hillman (1980) e Carotenuto (2011), o ser humano comete erros, falha, reflete, sofre, pondera, perdoa, aprende e começa tudo outra vez, sem a garantia de que as promessas serão sempre cumpridas e que a vida vai transcorrer como foi planejada.

9 - Referências Bibliográficas

- ✓ BEEBE, J. *The anima in film*. In: HAUKE, C. e ALISTER, I. (orgs.) *Jung & Film, Post-Jungian takes on the moving image*. Great Britain: Brunner–Routledge, 2001.
- ✓ CAROTENUTO, A. *Amar trair: quase uma apologia da traição*. São Paulo: Paulus, 2011.
- ✓ DEL PRIORI, M. *Histórias Íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2011.
- ✓ DINIZ, S.G. *Direitos sexuais e direitos reprodutivos*. In VENTURI, G. e GODINHO, T. (orgs.) *Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado, uma década de mudanças na opinião pública*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Edições SESC SP, 2013, pp.157-169
- ✓ DATAFOLHA. *Opinião Pública: Família fica ainda mais importante para brasileiros*, 10/12/2008. <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/1223824-familia-fica-ainda-mais-importante-para-brasileiros.shtml>, acesso em 29/04/2015.
- ✓ DATAFOLHA. *Opinião Pública: Sexualidade dos brasileiros*, 23/03/2010. <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2010/02/1223647-sexualidade-dos-brasileiros.shtml>, acesso em 29/04/2015.
- ✓ ELUF, L. N. *A paixão no banco dos réus*. São Paulo: Saraiva, 2009.
- ✓ FILME EM DVD – *Os Belos Dias (Les Beaux Jours)*. Direção de Marion Vernoux. Imovision. França, 2013 (94 min)
- ✓ FILME EM DVD – *As Pontes de Madison (The Bridges of Madison County)*. Direção de Clint Eastwood. Warner Bros. Estados Unidos, 1995 (134 min)
- ✓ GIDDENS, A. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Unesp, 1993.
- ✓ GUGGENBÜHL-CRAIG, A. *O casamento está morto, viva o casamento!* São Paulo: Símbolo, 1980.
- ✓ HEILBORN, M.L. *Entre as tramas da sexualidade brasileira*. Estudos Feministas. Florianópolis, 14 (1):336, janeiro-abril/2006.
- ✓ HILLMAN, J. *Estudos de psicologia arquetípica*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.
- ✓ JACOBI, I. *Complexo, arquétipo e símbolo na psicologia de C.G. Jung*. São Paulo: Cultrix, 1986.

- ✓ JUNG, C. G. *Símbolos da Transformação*, OC vol. 5. Petrópolis: Vozes, 2011.
- ✓ _____ *Tipos psicológicos*, OC vol. 6. Petrópolis: Vozes, 2011
- ✓ _____ *O Eu e o Inconsciente*, OC vol.7/2. Petrópolis: Vozes, 2011.
- ✓ _____ *Civilização em transição*, OC vol.10/3. Petrópolis: Vozes, 2011
- ✓ _____ *O desenvolvimento da personalidade*, OC vol.17. Petrópolis: Vozes, 2011.
- ✓ _____ *A vida simbólica*, OC vol.18/2. Petrópolis: Vozes, 2011.
- ✓ Músicas: “I see your face before me”: <http://letras.mus.br/frank-sinatra/328646> e “For all we know”: <http://letras.mus.br/billie-holiday/175907>. Ambas acessadas em 13/05/2015
- ✓ OLIVEIRA, L. *Coisas de Menina – Análise simbólica da personagem Buffy, a caça-vampiros*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2007.
- ✓ PARISI, S. *Amor e separação: reencontro com a alma feminina*. São Paulo: Vetor, 2012
- ✓ PENNA, E. M. D. *Epistemologia e método na obra de C. G. Jung*. São Paulo: Educ, 2013.
- ✓ PENNA, E. M. D. *Processamento simbólico-arquetípico: pesquisa em psicologia analítica*. São Paulo: Educ, 2014.
- ✓ SANFORD, J. *Os parceiros invisíveis: o masculino e o feminino dentro de cada um de nós*. São Paulo: Paulus, 2002.
- ✓ STEIN, M. *Jung: o mapa da alma. Uma Introdução*. São Paulo: Cultrix, 2005.
- ✓ VON FRANZ, M.L., *A Interpretação dos contos de fada*. São Paulo: Cultrix, 2008.
- ✓ WHITMONT, E. *A busca do símbolo: conceitos básicos de Psicologia Analítica*. São Paulo: Cultrix, 2006.